

**CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

JOÃO VICTOR DE SOUZA ACERBI

**“NOSSAS ARMAS SÃO SILENCIOSAS”: GUERRA FRIA E IDEOLOGIAS EM
“BATMAN, O CAVALEIRO DAS TREVAS”, DE FRANK MILLER (1986)**

Ribeirão Preto

2022

JOÃO VICTOR DE SOUZA ACERBI

**“NOSSAS ARMAS SÃO SILENCIOSAS”: GUERRA FRIA E IDEOLOGIAS EM
“BATMAN, O CAVALEIRO DAS TREVAS”, DE FRANK MILLER (1986)**

Trabalho de conclusão de curso em
História do Centro Universitário Barão de
Mauá, para obtenção do título de
licenciado.

Orientador: Me. Yuri Araujo Carvalho.

Ribeirão Preto

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

A158n

Acerbi, João Victor de Souza

“Nossas armas são silenciosas”: Guerra Fria e ideologias em “Batman, o Cavaleiro das Trevas”, de Frank Miller (1986)/ João Victor de Souza Acerbi - Ribeirão Preto, 2022.

56p.il

Trabalho de conclusão do curso de História do Centro Universitário Barão de Mauá

Orientador: Me. Yuri Araújo Carvalho

1. Guerra Fria 2. Histórias em quadrinhos 3. Ideologia I. Carvalho, Yuri Araújo II. Título

CDU 324.54

Bibliotecária Responsável: Iandra M. H. Fernandes CRB⁸ 9878

JOÃO VICTOR DE SOUZA ACERBI

**“NOSSAS ARMAS SÃO SILENCIOSAS”: GUERRA FRIA E IDEOLOGIAS EM
“BATMAN, O CAVALEIRO DAS TREVAS”, DE FRANK MILLER (1986)**

Trabalho de conclusão de curso em
História do Centro Universitário Barão de
Mauá, para obtenção do título de
licenciado.

Data de aprovação: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Me Yuri Araujo Carvalho
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Me Gustavo Aranha Portella
Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR

Me Rodrigo de Andrade Calsani
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

**Ribeirão Preto
2022**

Dedico esse trabalho aos meus pais,
amigos e a Nainora Maria Barbosa de
Freitas.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer ao meu orientador Me Yuri Araujo Carvalho. Sem suas orientações e ajuda este trabalho seria impossível. Agradeço a todos os professores deste curso, em especial Nainora Maria Barbosa de Freitas, a professora que mais me marcou durante toda esta jornada de quatro anos neste curso.

Também agradeço aos meus pais, que estiveram comigo e me ajudaram a formar o ser humano que sou atualmente. Sem eles, eu não estaria aqui – por isso esse trabalho é tão deles quanto meu.

Por fim, dedico esse trabalho aos meus amigos, em especial Ana Luísa Coutinho do Nascimento e Marcel Dias de Carvalho, pois foram os colegas que mais estiveram ao meu lado durante todos esses anos. Sem eles, muito provavelmente a minha formação não teria sido a mesma.

“Mesmo nos tempos mais sombrios, a
esperança prevalece, sendo a luz que nos
guia para fora da escuridão”.

(Superman)

RESUMO

A presente pesquisa busca analisar facetas ideológicas ligadas ao fascismo, ao nacionalismo e ao anticomunismo, presentes na história em quadrinhos “Batman, o Cavaleiro das Trevas”, criada por Frank Miller e publicada pela DC em 1986. Sustentamos a hipótese segundo a qual as ideologias são muito mais comuns do que imaginamos; diariamente, somos bombardeados pelas mais diversas correntes ideológicas – sendo tal realidade ainda mais candente durante o período conhecido como “Guerra Fria” (1947-1991). Tratou-se de uma conjuntura histórica caracterizada pela oposição entre dois blocos rivais (EUA e URSS), defensores de ideologias antagônicas. A vida social foi afetada nos mais diversos campos, com destaque para a cultura e os meios de comunicação de massa, permeados por programas radiofônicos e televisivos, filmes e histórias em quadrinhos, impulsionados como ferramentas influenciadas e influenciadoras para a conquista de corações e mentes. Sendo assim, analisaremos como ideologias variadas, vigentes em uma conjuntura neoliberal, foram de fato mobilizadas em uma história em quadrinhos clássica, protagonizada pelo Homem-Morcego.

Palavras-chave: Guerra Fria. Histórias em quadrinhos. Ideologia.

ABSTRACT

The present research seeks to analyze ideological facets linked to fascism, nationalism and anti-communism, present in the comic book "Batman, the Dark Knight", created by Frank Miller and published by DC in 1986. We support the hypothesis according to which ideologies they are much more common than we think; daily, we are bombarded by the most diverse ideological currents – and this reality was even more burning during the period known as the “Cold War” (1947-1991). It was a historical conjuncture characterized by the opposition between two rival blocs (USA and USSR), defenders of antagonistic ideologies. Social life was affected in the most diverse fields, with emphasis on culture and mass media, permeated by radio and television programs, films and comic books, driven as influenced and influential tools to win hearts and minds. Therefore, we will analyze how various ideologies, prevailing in a neoliberal conjuncture, were in fact mobilized in a classic comic book, starring the Batman.

Keywords: Cold War. Comics. Ideology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Interrogatório	41
Figura 2 – Debate jornalístico	42
Figura 3 – Desabafo de Jim Gordon	45
Figura 4 – Conversa entre Wayne e Kent	47
Figura 5 – Âncora de jornal	48
Figura 6 – Apresentação do Jornal da Noite	50
Figura 7 – Declaração do presidente dos Estados Unidos	51

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 “IDEOLOGIA”: MUITO MAIS DO QUE APENAS UMA PALAVRA.....	13
2.1 O Fascismo enquanto campo ideológico	16
2.2 Nações, nacionalismos e suas imprecisões	19
2.3 Anticomunismo como ideologia.....	22
3 A GUERRA FRIA: TRAÇOS DE UM DUELO CANDENTE	26
3.1 O mundo dividido – períodos de inflexão e momentos de relaxamento... 	26
3.2 A guinada conservadora e chegada do Neoliberalismo	33
4 BATMAN, O CAVALEIRO DAS TREVAS: A HISTÓRIA DO HOMEM-MORCEGO E AS IDEOLOGIAS ENCONTRADAS EM SUAS PÁGINAS	39
4.1 O Homem-Morcego como uma força fascista	41
4.2 O nacionalismo nas páginas de Batman	44
4.3 O anticomunismo nas páginas do Cavaleiro das Trevas	49
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS.....	54

1 INTRODUÇÃO

Considera-se que a Guerra Fria (1947-1991) foi um dos períodos mais importantes do século XX. A disputa candente entre os dois blocos mais poderosos da época (EUA e URSS) representou uma fase única na história do mundo, com a disputa entre os adversários sendo travada nos mais diferentes cenários.

A iminência de uma guerra nuclear e, conseqüentemente, o apocalipse era o que permeava a mentalidade diária dos viventes da época. Opondo dois blocos com ideologias completamente avessas, a Guerra Fria se desenhou principalmente (mas não apenas) no cenário das ideias. A disputa pelo consenso e/ou imposição da visão ideológica que cada lado defendia (capitalista conservadora por parte dos EUA, e socialista revolucionária por parte da URSS) caracterizou o cerne principal do que foi o referido período. Claro que o duelo não se desenhou apenas neste campo: houve conflitos durante a conjuntura, tais como a Guerra da Coreia (1950-1953), a Guerra do Vietnã (1961-1975) e a Guerra do Afeganistão (1979-1989), demonstrando, dessa forma, a existência de escaramuças armadas à época, mesmo que ambos os blocos não chegassem a travar um embate bélico direto.

Para a presente monografia, interessa-nos focar justamente nessa disputa ideológica travada no campo cultural. A vida como um todo era afetada pela disputa entre as potências e, logicamente, as esferas socioculturais também sofreram influências oriundas de tais contendidas. O rádio, a televisão, o cinema, a música e as HQs foram afetados pela mentalidade de guerra e apocalipse iminente, catalisada pela sanha anticomunista neoliberal existente nos países de influência norte-americana, em especial na década de 1980.

Um dos campos afetados – e sobre o qual nos debruçaremos – é o das histórias em quadrinhos. Tais produções, sempre muito populares entre crianças e adolescentes, também sofreram com os impactos ideológicos do período. Mesmo uma produção considerada simples e até mesmo infantil carregava significados ideológicos, alinhados à conjuntura ebullente, aos valores autorais e às demandas empresariais.

A história em quadrinhos “Batman: o Cavaleiro das Trevas” pode ser colocada como um exemplo disso. Lançada em 1986, a HQ se tornou um clássico do Homem-Morcego, além de ser considerada um ponto de virada para as histórias do mesmo personagem e para as HQs de um modo geral. A obra foi escrita por Frank

Miller, considerado, atualmente, um dos melhores escritores do mundo dos quadrinhos.

Em virtude disso, a presente monografia buscará analisar a relação entre a Guerra Fria e a HQ “Batman: o Cavaleiro das Trevas” – mais precisamente como a produção citada carrega consigo expressões ideológicas ligadas ao fascismo, ao nacionalismo e ao anticomunismo, disseminados no ocaso da Guerra Fria.

Justificamos a importância de tal trabalho reforçando que a ideologia é algo muito mais presente na vida cotidiana do que é possível perceber. As ideologias têm por objetivo exportar uma certa visão de mundo. A forma como somos bombardeados por tais ideologias é mais variada do que se imagina; a exemplo disso, temos as histórias em quadrinhos de super-heróis, produções as quais, em uma primeira impressão, apresentam-se como superficiais, simples e até mesmo “bobas” – porém, a partir de análises mais detidas, mostram-se encharcadas de expressões ideológicas. De tal modo, a monografia demonstra-se importante por lidar com suportes que extrapolam os muros acadêmicos e que afetam, cotidianamente, milhões de consumidores.

Lidamos com um recorte temporal dúplice, o qual incidirá sobre o ano de 1986 (data de lançamento da obra literária e também período em que se passa a narrativa ficcional). Nossa hipótese sustenta que mesmo simples produções como as HQ’s também são carregadas de significados ideológicos, sub-repticiamente impostos ao público consumidor – mesmo que os leitores não tenham plena consciência de que estão em interação com tais expressões ocultas.

Em relação aos objetivos, procuraremos, de forma geral, demonstrar como as histórias em quadrinhos podem ser carregadas de significados e ideologias. E, mais precisamente, pretendemos explicitar a relação direta que as ideologias (no presente caso, fascismo, nacionalismo e anticomunismo) têm com as pessoas – mais precisamente, como essa ideologia é materializada ao longo das narrativas ficcionais.

Para o cumprimento de tal tarefa, desenvolveremos uma pesquisa qualitativa, que desvelará passagens relevantes da HQ “Batman: o Cavaleiro das Trevas”. Assim, através dessa pesquisa qualitativa, analisaremos passagens relevantes da obra em questão, buscando seus conteúdos ideológicos (explícitos e implícitos).

Inicialmente, elucidaremos a noção de ideologia, a partir da qual promoveremos ramificações para os conceitos de fascismo, nacionalismo e

anticomunismo. Trabalhando a delimitação de tais conceitos, notando suas polissemias e possíveis usos nos campos teóricos, passaremos então para a segunda parte de nosso compromisso, trabalhando o contexto histórico.

No segundo capítulo, abordaremos a Guerra Fria, trabalhando o período de forma geral, porém com foco nos anos finais do embate (mais precisamente a década de 1980, período em que a história se passa). Compreenderemos, também, como a mentalidade de guerra e apocalipse era cotidianamente manifestada para os viventes do período.

Para a parte final desta monografia, analisaremos detidamente a produção de Frank Miller, buscando em suas páginas algumas expressões ideológicas que espelham os conceitos discutidos ao longo da pesquisa (fascismo, nacionalismo e anticomunismo), visando notar como o autor demonstrou em suas páginas certos posicionamentos ideológicos.

2 “IDEOLOGIA”: MUITO MAIS DO QUE APENAS UMA PALAVRA

Atualmente, a palavra “ideologia” está na moda. Os diversos segmentos da política se utilizam deste termo, seja para criticar seus opositores, endossar seus conjuntos de ideias e pensamentos, ou até mesmo para promoverem-se politicamente. Porém, muitos não se atentam sobre qual é o significado do termo em si, qual caminho o conceito percorreu até aqui, como a palavra “ideologia” recebeu a sua significação atual.

Segundo o dicionário Mini Aurélio (2001, p. 371), entre as definições da palavra “ideologia” há a “ciência de formação do campo das ideias” e “sistema de ideias”. Definições essas que, de certa forma, não estão incorretas, porém são rasas e desprovidas de argumentações acerca de todas as ramificações que o conceito veio a ter durante a História. Muitas vezes, o termo acaba por ser reduzido a um ideário, quando na verdade ele é bem mais que isso (CHAUÍ, 2008).

Alguns autores, como Terry Eagleton e Marilena Chauí, buscaram em suas obras fazer uma breve introdução desse conceito aparentemente tão simples e, ao mesmo tempo, complicado e controverso. Segundo Terry Eagleton:

A palavra “ideologia” é por assim dizer um texto, tecido com uma trama inteira de diferentes fios conceituais; é traçado por divergentes histórias, e mais importante, provavelmente, do que forçar essas linhagens a reunir-se em uma grande teoria global é determinar o que há de valioso em cada uma delas e o que pode ser descartado (EAGLETON, 1991, p. 15).

Desta forma, notamos que o conceito em questão se mostra muito mais volátil do que aparenta ser propriamente, tendo vários significados ao longo da História. E aqui buscaremos fazer um breve resumo desse termo, mostrando seus caminhos ao longo do tempo.

A primeira aparição do conceito deu-se na França, em 1801, no livro *Eléments d'idéologie* (Elementos da Ideologia), de Destutt de Tracy, no qual o autor visou elaborar uma ciência da gênese das ideias, ou seja, as ideias seriam, assim, fenômenos naturais que espelhariam a relação do corpo humano, na visão de um organismo vivo e sua conexão com a natureza (CHAUÍ, 2008). De tal modo, surgia o grupo de pensadores que viriam a ser conhecidos como ideólogos franceses, sendo esse grupo totalmente materialista em sua concepção, e entendendo a ideologia como a constituição das ideias advindas da relação entre o corpo humano e o meio ambiente.

Posteriormente, foi a vez de Auguste Comte discutir a concepção de ideologia. Com ele, o conceito viria a apresentar duas frentes: por um lado, teria as mesmas significações dadas pelos ideólogos; por outro lado, a ideologia também significaria o conjunto de ideias de uma determinada época. Assim, dentro do Positivismo, cada etapa da evolução teria uma ideologia, usada para explicar os fenômenos naturais e humanos de cada fase da evolução, conforme a teoria de Comte (CHAUÍ, 2008).

Desta forma, vemos que “ideologia” não é um conceito estático, pois recebe significados a partir de suas épocas e dos autores que tentam analisá-lo. Por mais que as visões possam entrar em convergência, elas terão suas particularidades, adicionando novas ramificações ao termo em si.

Terry Eagleton argumenta que a ideologia não pode ser apenas um conjunto rígido e inflexível de ideias, pois assim se assemelharia mais com a Filosofia. Então, para o autor, “o termo ideologia, em outras palavras, parece fazer referência não somente a sistemas de crença, mas a questões de poder” (EAGLETON, 1991, p. 18). Tal referência se aplicaria no sentido de legitimar o poder de um grupo dominante. Por exemplo: a ideologia capitalista, decisivamente disseminada durante a Guerra Fria no Ocidente (1947-1991), por meio da qual defendiam-se os bastiões da liberdade contra o “perigo vermelho” que vinha do Leste Europeu. Ainda para Eagleton:

Essa é, provavelmente, a única definição de ideologia amplamente aceita [...]. Um poder dominante pode legitimar-se *promovendo* crenças e valores compatíveis com ele; *naturalizando* e *universalizando* tais crenças de modo a torná-las óbvias e aparentemente inevitáveis; *denegrindo* [sic] ideias que possam desafiar-lo; *excluindo* formas rivais de pensamento, mediante talvez uma lógica não declarada mas sistemática; e *obscurecendo* a realidade social de modo a favorecê-lo (EAGLETON, 1991, p. 19).

Assim, a ideologia parece dizer respeito às relações de poder propriamente ditas. Não apenas a legitimação do poder vigente, mas também as lutas que buscam se firmar no cenário político. Porém, essas lutas ideológicas de poder dizem respeito, na verdade, a lutas centrais do cenário da vida social e sobre aquelas que não são, sendo necessário pontuar tal distinção (EAGLETON, 1991, p. 21). Dessa forma, acaba por existir uma separação daquilo que pode ser considerado ideológico e aquilo que não pode, excluindo a noção de que tudo é ideológico, invalidando o termo em si, uma vez que se tudo for ideológico, então a palavra perde o seu sentido.

Porém, a ideologia não conformaria propriamente os processos de poder; a noção que melhor se adequaria neste caso seria “política”. De tal modo, “ideologia”

dirá respeito sobre as formas pelas quais tais processos estariam presos no reino do significado (EAGLETON, 1991, p. 24). Dessa forma, o conceito de ideologia estaria atrelado às crenças das pessoas. Essa relação se daria em um sentido o qual, para que uma ideologia tenha seu efeito eficaz em alguém, ela deve trazer um sentido também na vida social.

Ela deve ser mais do que apenas uma ilusão imposta para as pessoas, seja essa imposição explícita ou velada. A ideologia deve, ainda, vislumbrar uma certa realidade para a pessoa que está sendo atingida por ela. Mostrando uma realidade social que seja crível para o indivíduo, diminui-se, portanto, a possibilidade de sua rejeição (EAGLETON, 1991, p. 27). Mesmo assim, podem acabar por existir aqueles que entendem a realidade social e ideológica em que estão inseridos, sendo, de uma certa maneira, indivíduos que estão fora do campo de ilusão ideológica. Por exemplo: um homem pode estar plenamente consciente quanto à relação de exploração capitalista imposta ao ser humano, e, mesmo vendo tal exploração e “depravação”, acreditar que tal sistema político-ideológico seja o mais adequado, ou o “menos pior” em relação às prováveis alternativas (EAGLETON, 1991, p. 37).

Um ser humano que está inserido em determinado campo ideológico pode, de fato, entender a legitimidade de uma visão diferente de “ideologia”; contudo, não necessariamente renunciará à realidade ideológica vivenciada, debandando-se para outra visão de “ideologia”, principalmente se essa realidade social que o indivíduo vive o permite gozar dos mais diversos privilégios.

Dessa forma, notamos que o conceito de “ideologia” é bem mais profundo do que aparenta ser de fato. Todos os autores que se utilizaram dessa palavra buscaram montar diferentes significações; por mais antagônicas que essas visões pareçam umas das outras, elas ainda assim atribuem um sentido ao termo. Sendo assim, não quer dizer que haja uma definição única e absoluta do que é “ideologia”, mas que o conceito demonstra uma polivalência em seus possíveis usos e significados. Porém, uma coisa é fato: a “ideologia” trabalha nos mais variados campos de um ser humano, as paixões, os ódios, anseios, sonhos etc.

A mentalidade ou a experiência social vivida pelo ser humano está intimamente atrelada à forma como ele irá reagir e interagir com as mais diversas visões e campos ideológicos. Tal questão acabará por ficar ainda mais aparente durante o período conhecido como Guerra Fria (1947-1991), no qual a disputa por

hegemonia, principalmente ideológica, foi a centro das batalhas travadas por E.U.A. e U.R.S.S. durante a maior parte do século XX.

2.1 O Fascismo enquanto campo ideológico

Outra palavra que vem sendo pronunciada de forma relativamente recorrente é o termo “fascismo”. Logicamente, a grande maioria das pessoas que pronunciam tal palavra estão presas ao senso comum, não sabendo qual é o real significado do conceito em si, reduzindo-o a uma espécie de xingamento esvaziado, uma vez que a própria classe política emprega tal estratégia em embates retóricos nos dias correntes.

O uso desmedido de tal palavra no debate político, principalmente por alas da esquerda, pode acabar impedindo que todo o seu potencial e rigor científico venham a ser, de fato, utilizados nas contendas públicas, quando de fato necessário (KONDER, 2009, p. 24).

O fascismo pode ser entendido como um movimento político-ideológico, e, nas palavras de Leandro Konder, “um dos movimentos políticos mais significativos do século XX” (KONDER, 2009, p. 23). Hitler e Mussolini acabaram surgindo, e, ganhando evidência na História, cunharam uma nova concepção de direita no campo político mundial, a partir do século XX.

O autor Leandro Konder, em sua obra “Introdução ao Fascismo”, afirma que

nem todo movimento reacionário é fascista. Nem toda repressão – por mais feroz que seja – exercida em nome da conservação de privilégios de classe ou casta é fascista. O conceito de fascismo não se deixa reduzir, por outro lado, ao conceito de ditadura e autoritarismo (KONDER, 2009, p. 25).

Podemos notar, dessa forma, que por mais que o fascismo venha a abranger certas características ditatoriais, nem todo regime ditatorial e/ou autoritário será fascista. Antes mesmo do movimento fascista surgir podemos notar sociedades com regimes que podemos considerar autoritários durante a História. A exemplo disso temos Esparta e a Roma de Nero, por exemplo; mesmo sendo regimes com crueldade e autoritarismo, eles não podem vir a ser considerados fascistas. Afastando-nos dos pendores anacronistas, podemos demonstrar que, de fato, nem todo regime autoritário será necessariamente fascista (KONDER, 2009).

Para uma boa compreensão sobre o que é o fascismo, é importante ter a atenção de que a ideologia fascista acaba sendo uma espécie de evolução do campo político da direita. A ideologia de Direita, em suma, objetiva manter o privilégio de certas classes, visando preservar um sistema socioeconômico (liberal-capitalista, em sua essência), vindo daí o conservadorismo essencial do campo ideológico direitista (KONDER, 2009, p. 27). Esse conservadorismo intrínseco não precisa se manifestar, em voga, em uma ativa resistência à mudança, pois, como Konder argumenta:

Os conservadores sabem que, para uma política ser eficaz, ela precisa ser levada à prática através de iniciativas concretas, manobras, concessões, acordos, golpes de audácia, formas de arregimentação das forças disponíveis que transcendem da mera atitude *doutrinária* (KONDER, 2009, p. 28).

Assim, no campo da política, para muitos conservadores (senão para todos), visando manter ou "conservar" determinadas classes sociais enquanto dominantes, mais vale a prática no campo do convencimento – tanto explícita quanto veladamente, garantindo, assim, maior confiança e “segurança” nos instrumentos repressivos –, do que a utilização dos instrumentos de repressão em si.

O fascismo começou, então, a dar as caras no período entreguerras (décadas de 1920-1930), aproveitando-se de um período de certa fragilidade que a Itália passava. À época, Mussolini passou a ganhar uma expressiva notoriedade – fato considerado curioso pelo pesquisador Robert Paxton, segundo o qual o *Duce* parecia “comum demais, com sua impositiva vaidosa, sua fama de mulherengo, sua minuciosidade compulsiva, sua habilidade para manobras de curto prazo, e, ao final, sua incapacidade de perceber o quadro geral” (PAXTON, 2008, p. 338).

É no mínimo curioso que um líder que demonstre, mesmo que de forma inicial, ser tão comum assim, consiga ganhar holofotes e aparecer como um providencial comandante. Começavam, assim, os primeiros passos para o “mito” do líder, tão comum em movimentos fascistas.

Quanto à questão pragmática deste movimento, o fascismo partia em busca de tal validação no campo inimigo. A ala conservadora, aterrorizada com uma possível revolução proletária, começou a ler Marx; porém, não em um sentido de se tornarem socialistas, mas para descaracterizar seus escritos e teorias, ao mesmo tempo em que sequestravam determinados pontos das teorias marxistas para desfigurar tais pontos, empregando-os dentro de suas próprias teorias e interesses (PAXTON, 2008).

Mussolini e o fascismo italiano foram os primeiros a cometerem tal ação. O líder fascista, que antes era um agitador socialista, passou para o lado da burguesia e vendeu sua própria visão da luta de classes. Mussolini julgava Marx ingênuo: para ele, a luta de classes era uma tragédia permanente na história; sendo assim, a solução não seria, para ele, o comunismo, mas sim o surgimento de uma nova elite, enérgica, que iria disciplinar as classes mais baixas. A humanidade necessitava de disciplina, para Mussolini (KONDER, 2009, p. 31-32).

Ainda dentro desse sequestro de conceitos e distorções protagonizado pelos fascistas e/ou conservadores, Mussolini alterou o conceito marxiano de “ideologia”, segundo Konder:

Mussolini, entretanto, transformou a teoria marxista da *unidade da teoria e da prática numa identidade de teoria e prática*. A teoria perdeu sua capacidade de “criticar” a prática: cortaram-lhe as asas, ela deixou de poder se elevar acima do solo onde surgia e se viu completamente *instrumentalizada*. Em lugar de se reconhecerem *socialmente condicionadas* (como em Marx), as verdades passam a *morrer*, sistematicamente, *pregadas na cruz da utilidade circunstancial que o cinismo dos fascistas encontrava para ela* (KONDER, 2009, p. 33).

O fascismo sequestrou conceitos do marxismo e os distorceu; assim, ele parecia atrativo à primeira vista. Não fazendo distinção no recrutamento, a ideologia fascista abarcava todo tipo de pessoa, visto que classes heterogêneas se alinhavam com o fascismo, aumentando exponencialmente seus números de filiação. Quando o partido fascista chegou ao poder, afinal, todos queriam “tirar uma casquinha” de seu sucesso (PAXTON, 2008, p. 344).

Porém, Mussolini enxergava que mesmo com uma ideologia, de certa forma, relativista, faltava um ponto de destaque, algo que soasse como uma verdade absoluta, um mito.

Dessa busca por um mito inabalável, superior a todos, e, ponto praticamente central de uma união dentro de sua ideologia mega relativista, surgiu o mito da “nação”. A pátria italiana tornou-se o mito supremo para Mussolini, por mais complexa que a realidade do país fosse à época.

O líder fascista, apropriando-se de ideias nacionalistas de direita, criou a premissa de uma “Itália proletária”, uma nação que na verdade, foi explorada pelas outras grandes nações durante sua História, chegando a acusar socialistas italianos de enfraquecer o país internamente. Assim, as crises e as contradições enfrentadas pelos italianos reduziam-se a um ponto específico para Mussolini: a luta da verdadeira

nação contra a chamada “antinação”. O social acabava por ser substituído pelo nacional, todos como uma grande classe. Tal premissa chegou mesmo a ser adotada por Hitler, em 1922, sendo tal luta considerada um dos princípios basilares do fascismo (KONDER, 2009, p. 36).

O fascismo, de tal modo, passou a se assemelhar com uma espécie de religião política, mobilizando fiéis até os dias atuais, buscando causar um fervor nas multidões, fazendo com que partam para uma mobilização, além de terem verdades irremediáveis, evitando, assim, quaisquer contestações ou dissidências (PAXTON, 2008).

Notamos, então, que o fascismo pode vir a ser definido como um dos mais expressivos movimentos do século XX, inflamado pela obsessão com uma certa decadência da sociedade, além de sempre se enxergar como vítima. Aliado ao grande capital, despreza a democracia e compõe um mito – seja esse mito uma personalidade carismática ou algo mais figurativo, como a nação.

O fascismo, no fim das contas, se mostra como um movimento de ala direita, que busca manter a concentração de capital e os privilégios das classes dominantes. Por mais que desprezem a democracia, os movimentos fascistas têm a vontade de inflar massas, como se criassem um exército de zumbis, à mercê de uma ideologia que nem eles mesmos entendem. O fascismo acaba por ser mais uma das ramificações do campo da ideologia, e, sem sombra de dúvidas, um movimento ideológico que até hoje se mostra danoso para as sociedades nas quais se instala.

2.2 Nações, nacionalismos e suas imprecisões

Outro conceito inserido no campo ideológico seria o nacionalismo. Historicamente, ele sofreu – e até hoje sofre – as mais diversas significações, tendo assim uma certa imprecisão sobre o que de fato o termo nacionalismo significa. O interesse sobre a “questão nacional” ganhou notório destaque no século XIX, quando a Internacional Socialista, ou alguns de seus integrantes, voltaram seus olhares intelectuais para a tentativa de formar o debate acerca do nacionalismo. Nomes com Bruno Bauer, Karl Kautsky, Vladimir Lênin e até mesmo Josef Stálin tentaram conceber teorias sobre o nacionalismo, no final do século XIX e começo do XX (HOBSBAWM, 1991, p. 12).

Vários teóricos, além dos mencionados anteriormente, buscaram se concentrar nesta questão: o que é, ou o que pode caracterizar uma nação. Mesmo argumentando que essa noção de nação seja fundamental para a existência social dos indivíduos, assim como sua noção de pertencimento, o autor Eric Hobsbawm discorre sobre como “identificar” uma nação:

Nenhum critério satisfatório pode ser achado para decidir quais das muitas coletividades humanas poderiam ser rotuladas desse modo. Isto não é surpreendente em si mesmo, pois, se olharmos “a nação” como um fenômeno muito recente da história da humanidade e produto de conjunturas históricas particulares necessariamente regionais ou localizadas (HOBSEBWM, 1991, p. 14).

Assim, o autor demonstra que é praticamente impossível estabelecer critérios definitivos e objetivos para a identificação de uma nação ou potencial nação. A tentativa de estabelecer tais critérios se pautava, inicialmente, em pontos simplistas como a língua, etnia, história comum, similaridade cultural etc. Tais critérios logicamente falharam nessa tentativa de definição, uma vez que eram facilmente mutáveis e até mesmo ambíguos, dificultando, assim, a análise e a definição objetiva sobre o que é uma nação (HOBSEBWM, 1991, p. 15). É natural que dentro de um mesmo espaço geográfico existam diferenças culturais; tomemos como exemplo o Brasil, um país de dimensão continental, onde existem diversas ramificações culturais, seja na língua, com o regionalismo, seja na culinária, nos modos de vida, nos modos de se vestir, e, assim por diante. Torna-se impossível, através dos “critérios clássicos”, definir o Brasil, nesse caso, como uma nação.

Em uma tentativa de fugir desse objetivismo, houve tentativas de se utilizar de outras bases na busca de uma definição para nação ou nacionalismo. Ernest Renan visou uma definição subjetiva, sendo coletiva a partir da frase: “Uma nação é um plebiscito diário”, ou individual, partindo da argumentação de que a nacionalidade pode ser adquirida pelo indivíduo se ele assim decidir. De certa forma, para ser uma nação ou decidir fazer parte de uma, tudo o que seria necessário ligava-se unicamente à vontade de sê-la. Desse modo, ambas as tentativas de definir uma nação são insatisfatórias mostrando a dificuldade que o conceito tem em firmar suas bases (HOBSEBWM, 1991, p. 17).

Avançando no tempo podemos chegar ao final do século XX, período no qual o chamado “princípio da nacionalidade” se mostrou triunfante ao redor do globo terrestre. Agitações em “colônias” no século XX foram caracterizadas como

movimentos de libertação nacional, trazendo uma ruptura com os antigos Estados-Nações da Europa, principalmente. Assim, pelo menos de forma oficial, todos os Estados do mundo, sejam mais antigos ou mais novos, são nações. O imaginário de uma nação demonstra certa vitória no século XX; as pessoas querem ser parte e sentir-se parte de uma nação, mesmo que por uma questão de conflito ideológico ou disputa de poder (HOBSBAWM, 1991, p. 195).

É interessante notar que esses movimentos de libertação, quando obtiveram êxito, buscaram copiar o nacionalismo ocidental em um sentido teórico; já em sentido prático, aconteceu o contrário: esses movimentos não buscaram uma certa homogeneidade linguística e étnica, diferente dos tradicionais Estados-Nações do Ocidente. Porém, é importante voltar a atenção para o seguinte: tais movimentos foram, em suma, carregados de negatividade, ou seja, esses movimentos eram separatistas, uma busca por auto-blindagem contra o mundo moderno e sua composição política que avançava ao final do XX, uma tentativa de manter um nacionalismo “autossuficiente” contra a inevitável globalização que avançava a passos largos no referido século. Qualquer mínima mudança demográfica já era razão de debate e até mesmo conflitos em determinadas regiões. A exemplo disso temos o desespero de alguns estadunidenses em tornar o inglês língua oficial do país (os EUA não possuem uma língua oficial), em detrimento da grande migração de falantes de espanhol para o país (HOBSBAWM, 1991, p. 196-197).

O nacionalismo aparenta estar em decadência, mesmo que existam partidos ditos nacionalistas, que agem na prática de forma separatista. Eles são vacilantes e não ganham tanto destaque quanto desejam. Além disso, o errôneo entendimento sobre o que é um Estado-nação também evidencia tal decadência, pois o erro no entendimento do conceito faz com que todos os movimentos de libertação se sintam como uma nação única, mesmo que não o sejam. Em suma, apesar de existir o discurso de “um povo, uma nação”, logo após a libertação conquistada pelos movimentos, surgem conflitos internos, mostrando uma nação não tão homogênea assim.

Hobsbawm ainda aponta para uma contradição, ao dizer que

O que já foi escrito há quase trinta anos, permanece substancialmente verdadeiro: “Países que compreendem muitos grupos culturais e linguísticos, como a maioria daqueles da África e da Ásia, não apresentam rupturas ou cisões, e aqueles que muitas vezes se apresentam como um único grupo

linguístico, como os países árabes e da África do norte, não... se uniram” (HOBSBAWM, 1991, p. 204).

Essa contradição apontada pelo autor reforça ainda mais a argumentação de que os critérios objetivos não são plenamente suficientes para definir o que é uma nação, assim como evidencia a volatilidade dos conceitos de nação e de nacionalismo. Por outro lado, é interessante notar como a heterogeneidade em detrimento da homogeneidade parece ser mais benéfica para a suposta construção de uma nação. Demonstrando dessa forma como a pluralidade é um caminho mais viável nos seguimentos das nações e dos nacionalismos.

As questões e aspirações sobre nação e nacionalismo sofreram transformações ao longo do século XX, uma vez que tais questões foram afetadas em sentidos políticos e econômicos, ao passo que o planeta vivia a divisão causada pela Guerra Fria, e o mundo se modernizava e ficava ainda mais globalizado. Assim, as querelas atinentes às nações e aos nacionalismos, bem como as aspirações para o robustecimento dos Estados-nações tornaram-se dificultosas no século XX, dada toda a interconexão que o mundo inteiro começou a ter pós-1945 (HOBSBAWM, 1991, p. 210). Mesmo os movimentos nacionais que surgiram em sequência não demonstraram força; pelo contrário, se demonstraram contraditórios, até mesmo vacilantes.

Assim, o nacionalismo tornou-se cada vez mais antinômico e multifacetado ao longo do século XX, em comparação às suas manifestações do século XIX. Não quer dizer que ele perdeu sua importância, apenas que o conceito deixou de apresentar o papel central de outrora. O mundo se reajusta, as intenções se reajustam também. O nacionalismo é então uma expressão de grande importância no século XX; mesmo que eclipsado por outros “ismos”, é notável como essa questão pairou pelo mundo durante o período em questão, e teve sua contribuição, seja para o bem ou para o mal.

2.3 Anticomunismo como ideologia

Um último campo ideológico digno de nossa atenção seria o do anticomunismo. Durante o período compreendido como Guerra Fria, o anticomunismo obteve bastante destaque, ao menos do lado ocidental e/ou de países que tiveram

influência dos Estados Unidos. O comunismo colocado aqui seria o comunismo de modelo soviético (MOTTA, 2000).

O comunismo era um “fantasma” que rondava e amedrontava as sociedades capitalistas do século XX, principalmente as sociedades mais conservadoras, uma vez que a teoria de Marx tornou-se realidade no leste europeu, como afirma Rodrigo Patto Sá Motta:

A ascensão dos bolcheviques ao poder na Rússia causou impacto muito forte: o que era somente uma promessa e uma possibilidade teórica transformou-se em existência concreta. O entusiasmo e a esperança dos revolucionários, somados à crise da sociedade liberal, emergente no contexto pós-Primeira Guerra, provocaram considerável crescimento da influência dos ideais comunistas (MOTTA, 2000, p. 5).

As sociedades liberais, em especial suas classes dominantes, temiam a chegada do comunismo, uma vez que tal ideologia lutava, em suma, contra essas mesmas classes dominantes. Então, o medo da perda de seus privilégios faz com que o anticomunismo comece a surgir. Seus combatentes eram tão enérgicos quanto os fascistas; as mais diversas alas que lutavam contra o comunismo viam tal ideologia como a decadência da sociedade, um terror político e caos social. Tal sentimento vem de forma espontânea inicialmente, mas a escalada revolucionária faz com que se tenha uma organização prática anticomunista. Iniciada a luta anticomunista, os mais diversos grupos surgem nesse combate; porém, ao passo que existia esse adversário comum, tais grupos não demonstravam plena coesão, visto que cada um defendia seu próprio projeto, unindo-se estrategicamente apenas no combate ao comunismo (MOTTA, 2000).

Logicamente, em um mundo de disputa, como foi o da Guerra Fria, os EUA surgiram como o bastião principal contra o “perigo vermelho”. O país visou se rodear de outros Estados na chamada “defesa do mundo livre”, mesmo que alguns países participassem dessa união a contragosto (MOTTA, 2000).

O conservadorismo se aproveitou do anticomunismo, a fim de manter seus privilégios. Tal como nos tempos atuais, anticomunismo e conservadorismo andavam juntos, ao passo que em muitos momentos, o conservadorismo flertou (e ainda flerta) com o fascismo para a manutenção do *status quo*, como visto no item 1.1, dedicado ao Fascismo. Segundo Motta, sobre algumas formas que o anticomunismo se apresenta, “não raro encontramos apreciações superficiais e às vezes parciais do

anticomunismo, apresentado ora como mera conspiração imperialista, ora como simples 'fantasma' manipulado pela burguesia dominante" (MOTTA, 2000, p. 9).

O anticomunismo aparece muito mais como um instrumento de controle do cidadão médio, do que propriamente um combate a uma ameaça real (quadro perceptível no caso do Brasil durante a Guerra Fria, quando o suposto perigo de que o Comunismo chegasse ao país constituiu um dos fatores para o golpe civil-militar de 1964).

A ideologia anticomunista aparenta não ter, de fato, um corpo de ideias. Parece muito mais ser um jogo de medo para que as classes dominantes mantenham seu poder e privilégios. Sem um corpo de ideias, ou tendo como única ideia o combate explícito ao comunismo "custe o que custar", fica difícil definir anticomunismo como ideologia (partindo da argumentação do item 1). Ao mesmo tempo, o anticomunismo parece ter certos flertes com o Fascismo em determinados pontos: as tentativas de inflar massas e a manutenção de privilégios pelas classes dominantes dão a entender que ambas as correntes andam juntas.

Ainda é interessante notar o seguinte: havia pessoas (até hoje existem) que de fato acreditavam na ameaça comunista, como argumenta Motta

Houve grupos e indivíduos (não necessariamente fanáticos) que sinceramente acreditaram em um risco real. Mobilizaram-se e combateram por temor que os comunistas chegassem ao poder. E mais, seus temores não eram absurdos, como muitas vezes se supõem. Em algumas situações o medo era justificado, ou ao menos tinha fundamento (MOTTA, 2000, p. 10.)

Assim, essas pessoas que compartilhavam de um temor real foram usadas como uma certa massa de manobra, nessa batalha imaginária contra a ameaça vermelha, fazendo com que o anticomunismo tivesse uma relação de manipulação e convicção combinadas (MOTTA, 2000).

Também vale a atenção a como o tema foi abordado, em duas frentes, na representação e na ação. Na representação, visto como um corpo doutrinário, com suas correntes de pensamento, mesmo que bebendo de outras correntes já estabelecidas, como o Fascismo, e na ação, com o campo da militância. Logicamente é importante notar como ambos os campos são interdependentes, já que as representações (a forma como os anticomunistas enxergam os comunistas e o comunismo propriamente) só vem a ser construídas pelo processo da militância ativa, o que acaba por moldar interesses e ações na sociedade. Ao analisarmos as

representações que anticomunistas faziam, é notável como se infligiam as paixões, muitas vezes com um discurso moral e religioso, “o bem contra o mal”, fazendo representações do comunismo que chegavam ao grotesco (MOTTA, 2000).

Dessa forma notamos que o anticomunismo também merece seu lugar de destaque enquanto campo ideológico; mesmo que em alguns pontos ele se assemelhe com o Fascismo e chegue até a flertar com o conservadorismo, é um campo que tem suas próprias ideais. Um fenômeno completamente expressivo no século XX, em especial na sociedade ocidental, com enfoque no período da Guerra Fria (mesmo atualmente, o discurso do anticomunismo reaparece nas mais variadas sociedades civis, sempre a serviço da manutenção de poder por parte das classes dominantes).

3 A GUERRA FRIA: TRAÇOS DE UM DUELO CANDENTE

A Guerra Fria representa um período homônimo do século XX. A começar pelo termo em si, “Guerra Fria”. Esse título foi mencionado pela primeira vez em 1947, por Bernard Baruch, um assessor presidencial estadunidense, quando se referia à enorme rivalidade entre os EUA e a URSS.

Mas, o que foi a Guerra Fria? Se nossa intenção fosse definir em poucas palavras e sem nenhum aprofundamento, diríamos que foi a disputa que nunca aconteceu entre duas superpotências¹. Não estaria de todo errado, mas, ainda não expressaria de forma minimamente plena o que foi de fato o período compreendido como Guerra Fria (1947-1991). A intenção aqui é tentar elucidar, mesmo que um pouco, o período referido. Houve de fato uma ameaça constante de guerra nuclear? As duas nações se odiavam tanto assim? Ou tudo isso não passava de paranoia e histeria? Veremos neste capítulo como o século XX foi moldado não só pelas duas grandes guerras, mas, também, pela “guerra que nunca aconteceu”.

3.1 O mundo dividido – períodos de inflexão e momentos de relaxamento

O mundo havia acabado de sair de sua segunda grande guerra e a balança de poder havia sido transformada. Os estadunidenses ressurgiram das cinzas como a nação mais poderosa do Ocidente, determinada a defender os valores da “democracia”² e ser a fortaleza contra o inimigo do leste europeu, a União Soviética, a nação onde a revolução de Marx teve sucesso, e, que supostamente visava expandir mundialmente a visão “subversiva” socialista. Assim, o mundo se desenhava no pós-guerra, por meio de duas nações com ideologias completamente avessas “lutando” pela hegemonia mundial, e com o suposto perigo de uma guerra nuclear iminente.

¹ Apontamos, contudo, a existência de conflitos e guerras deflagrados em áreas estratégicas de disputa, tais como: Guerra da Coreia (1950-1953), a Crise de Suez (1956), a Guerra do Vietnã (1955-1975), a Guerra Afegã-Soviética (1979-1989), entre outros.

² Empregamos o conceito de “democracia” (entre aspas), referindo-nos aos Estados Unidos conforme os apontamentos de Ellen Wood: “a história da democracia moderna, especialmente na Europa Ocidental e nos Estados Unidos, foi inseparável do capitalismo. Entretanto, isto foi assim somente porque o capitalismo criou uma relação inteiramente nova entre poder político e econômico e que torna impossível que a dominação de classe se mantenha coexistindo com os direitos políticos universais. É o capitalismo que tornou possível uma democracia limitada, “formal” antes que “substantiva”, algo que nunca foi factível antes. E é por isso que o capitalismo pôde tolerar algum tipo de “democracia” (WOOD, 2007, p. 417).

Em relação à guerra nuclear iminente, é interessante notar que tanto norte-americanos quanto soviéticos adotavam uma certa retórica apocalíptica: ambos aparentavam não acreditar de fato nesse confronto, ou ao menos evitavam ao máximo tal inflexão. Os dois países aceitaram a divisão que o planeta passou no pós-guerra; cada um controlava um lado, cada qual a sua maneira e ideologia, e não interferiam em suas zonas de influência, pelo menos não com frequência (HOBSBAWM, 1995, p. 224).

A Guerra Fria se desenhou nos mais variados cenários. Era esperada, no lado estadunidense, uma crise econômica devastadora, tendo como referência a situação que o mundo passou pós primeira guerra. Porém, de início as intenções do governo norte-americano eram de assegurar que uma nova Grande Depressão não atingisse o país. A situação de muitos países em 1945 era de ruína, fome e povos propensos à radicalização - tudo o que os EUA não queriam, daí a intenção de enorme ajuda econômica, visando evitar que mais países se debandassem para o lado soviético (HOBSBAWM, 1995).

Os soviéticos pareciam estar fortalecidos em uma primeira análise superficial. Os demais países tentavam uma neutralidade, ou se debandavam para o lado daquele que demonstrasse ter “a melhor oferta”, a fim da busca de se reerguerem naturalmente. A política moderada perdera espaço no mundo, a dualidade ideológica imperava, ganhava quem desse a “carta maior”. A exemplo disso, Eric Hobsbawm argumenta:

O primeiro-ministro (socialista) da França foi a Washington advertir que, sem apoio econômico, era provável que se inclinasse para os comunistas. A péssima safra de 1946, seguida pelo inverno terrível de 1946, deixou ainda mais nervosos os políticos europeus e os assessores presidenciais americanos (HOBSBAWM, 1995, p. 248).

Economicamente, era dessa forma que o mundo se desenhava: ânimos exaltados e um certo desespero e desesperança quanto ao futuro dos países, uma vez que parte desses demonstravam estar destruídos e com um povo faminto, querendo um certo recomeço, não importando o lado ideológico.

As dificuldades materiais se mostravam aparentes também no lado soviético: com uma economia em crise logo após 1945, a Rússia não aparentava um perigo iminente. Governado por Stálin, o império soviético vivia uma crise geral, por mais que não demonstrasse tal situação. Como um comunista convicto, Stálin via que

o capitalismo logo entraria em crise e seria superado, porém não era essa a situação logo após o fim da 2ª GM. O que se via, principalmente na economia, era o contrário: os EUA estavam muito mais ricos e o capitalismo não demonstrava que estava a caminho de seu fim. Tudo isso levou Stálin a adoção de uma postura muito mais defensiva de um modo geral, focando em manter sua hegemonia dentro da URSS e suas zonas de influência, do que propriamente partir para o “ataque” (HOBBSAWM, 1995, p. 230).

Além do campo econômico, a Guerra Fria se desenvolveu grandemente na mentalidade dos governos e das populações afetadas pela disputa das duas superpotências. Desse ponto de vista é possível notar uma certa visão atrasada, mas igualmente perigosa que os EUA nutriam a respeito dos soviéticos. Segundo Hobsbawm, o diplomata norte-americano George Kenan adotou uma política de “contenção” em 1946, ao notar que os russos não estavam em uma cruzada ideológica, enxergando o inimigo soviético como atrasado. Tal percepção foi asseverada pelo autor com a seguinte passagem:

Era apenas um especialista em Rússia da velha escola da política de potência - havia muitos desses nos ministérios de Relações Exteriores e europeus - que via a Rússia, czarista ou bolchevique, como uma sociedade atrasada e bárbara, governada por homens movidos por um “tradicional e instintivo senso de insegurança russo”, sempre se isolando do mundo e externo, sempre dirigida por autocratas, sempre buscando “segurança” apenas na luta paciente e mortal para a destruição total de uma potência rival, jamais em acordos ou compromissos com ela; sempre, em consequência, respondendo apenas à “lógica da força”, jamais a razão (HOBBSAWM, 1995, p. 230-231).

Os russos eram vistos como atrasados, e até mesmo paranoicos; a ideologia comunista apenas agravava a situação, uma vez que a mesma visaria a conquista do mundo. Assim, seria um dever dos EUA, única potência capaz de rivalizar com os soviéticos, conter a suposta expansão comunista que vinha acontecendo, por meio de posições inflexíveis. Já no Leste Europeu a tensão era parecida, pois Stálin queria explorar sua posição de líder de uma potência mundial, adotando uma postura igualmente inflexível. Quaisquer tentativas de acordo, quaisquer negociações que pudessem trazer uma mudança de posição ou concessões pelos russos, recebiam um sonoro “não”. O que deixava qualquer tipo de situação travada, pois ambos queriam que o outro fizesse concessões, porém nenhum deles estava disposto a ceder, não importando sua posição ou situação interna (HOBBSAWM, 1995, p. 231).

Porém, esse impasse cotidiano entre as nações não representava, de fato, uma ameaça de guerra diária, como é dito atualmente. Por mais que não se “entendessem”, ambos tinham um pé na razão e não cogitavam de fato um conflito total. Contudo, os EUA souberam manipular essa mentalidade de guerra a qualquer instante, visando sua política interna. Por mais que os russos não demonstrassem ser uma ameaça real e a guerra uma realidade efetiva, a política norte-americana manejava tal retórica com o intuito do ganho de votos. Causando uma histeria nos cidadãos, os governos conseguiam seus objetivos, como o aumento de impostos para financiamento da corrida armamentista, por exemplo. Ambos os países concentravam todos os seus excedentes nessa “corrida maluca” pela autodestruição; não apenas os governos como parte do próprio povo viviam ativamente nessa preparação para a guerra, criando assim um poderoso “complexo industrial-militar”. Também visavam atrair e armar nações aliadas e clientes, com uma visão que visava muito mais o lucro com a venda do que propriamente o interesse em ajudar os aliados (HOBBSAWM, 1995, p. 233).

Curiosamente, era esperado, de fato, o confronto entre os países, o que não aconteceu (pelo menos não de forma direta). E as armas nucleares não chegaram a ser usadas. Existiram alguns confrontos durante o período em que ambas as nações se envolveram (mas não uma contra a outra diretamente). Os EUA, abalados pela vitória do comunismo na China, decidiram intervir na Coreia (1950-1953), alcançando um “empate” como resultado, com o país sendo dividido em dois. No Vietnã (1955-1975), os norte-americanos foram derrotados. Todas essas escaramuças demonstravam pouca efetividade, uma vez que o cenário praticamente não se alterava, dividido sem nenhuma perspectiva de mudança a curto prazo. A polarização era evidente. Do lado ocidental, qualquer expressão comunista na política foi sendo marginalizada: a aversão ao comunismo era tão grande que os EUA planejavam intervir militarmente na Itália caso comunistas chegassem ao poder em 1948. Já a URSS eliminou em suas zonas de influência qualquer democracia multipartidária a fim de criar a chamada “ditadura do proletariado” (HOBBSAWM, 1995, p. 234-235).

Na política interna, a Guerra Fria se desenhava de uma forma monocromática, como vimos acima. Já na política externa, a configuração era um pouco diferente. No cenário europeu, os estadunidenses exerciam enorme influência na grande maioria dos países, em especial naqueles que foram “agraciados” com o

Plano Marshall de 1947. Porém, essa influência teve certo limite; por mais que os EUA quisessem, eles não conseguiram exportar sua economia capitalista predadora para todos os europeus – embora o neutralismo fosse deixado de lado e a visão antissoviética se firmasse evidente e quase hegemônica (ainda que superficial) por parte dos países que eram alinhados com os norte-americanos (HOBSBAWM, 1995, p. 238).

Porém, quando adentramos a década de 1960, os parâmetros pareciam apresentar algumas mudanças. Em um sentido econômico, os EUA começaram a perder sua influência, visto que todo o peso de ser uma potência econômica oscilou para os países europeus (em plena reconstrução) e para o Japão (que também havia se reerguido), ambos com a ajuda norte-americana; todavia, essa ajuda aparentemente custou caro. O dólar, apoiado pelas reservas de ouro em Fort Knox³, que consistiam em quase 75% da reserva de ouro mundial, começou a enfraquecer; notava-se que a estabilidade do dólar era baseada nessas reservas auríferas. Na prática, os europeus também passaram a se interessar pelo ouro, a fim de focar nessa estabilidade que o metal poderia trazer, em detrimento do uso da moeda norte-americana que vinha em desvalorização. Os bancos europeus focaram nisso, mesmo lidando com a pressão estadunidense; assim, o preço do metal se estabilizou no mercado, já que muitos países obtinham o ouro (e não apenas os estadunidenses). A influência econômica norte-americana havia sido abalada, e os EUA começaram a década de 1960 demonstrando certas fraquezas em sua luta por influência global (HOBSBAWM, 1995, p. 238-239).

Por outro lado, a mesma década de 1960 aparentou que a disputa entre as nações caminhava para um caminho de sanidade. Os soviéticos já não tinham mais a presença de Stálin, o que abalou suas estruturas, mas com certeza trouxe certo alívio para a alta cúpula da superpotência do Leste Europeu. Esse afrouxamento da tensão pode ser entendido como a *détente*, que nada mais foi do que uma diminuição, ao menos momentânea, da tensão entre os países. Os responsáveis por isso foram John F. Kennedy, pelo lado norte-americano, e N. S. Krushev, pelo lado soviético. Curioso

³ Fort Knox é a principal reserva militar estadunidense, localizada no Estado do Kentucky. Criado em 1918, leva tal nome em homenagem ao major-general Henry Knox, primeiro secretário de guerra dos EUA. Tornou-se um posto militar permanente em 1932. Em 1936, recebeu um cofre antibombas visando proteger a reserva de ouro (o forte abarca a maior reserva de ouro do país). Durante a Segunda Guerra Mundial, foi usado para proteção dos escritos originais da Declaração de Independência dos Estados Unidos, a Carta Magna, a Constituição e o rascunho original do Discurso de Gettysburg de Abraham Lincoln (TIKKANEN, 2022).

notar que nos primeiros anos da década, esse afrouxamento quase não existiu, pois assim como vimos anteriormente, os norte-americanos vinham perdendo terreno, principalmente no âmbito econômico; além disso, o triunfo revolucionário em Cuba (1959) era muito recente. Basicamente, essa fase inicialmente tensa acabou por se resumir posteriormente em uma certa estabilização nas relações entre os países. A exemplo disso temos a instalação de uma linha telefônica direta entre a Casa Branca e o Kremlin, em 1963, e até mesmo acordos em relação às armas nucleares e a corrida armamentista chegaram a ser feitos (HOBSBAWM, 1995). Ainda de acordo com Hobsbawm, “os anos 60 e 70 na verdade testemunharam algumas medidas significativas para controlar e limitar as armas nucleares: tratados de proibição de testes, tentativas de deter a proliferação nucleares” (HOBSBAWM, 1995, p. 240).

As perspectivas aparentavam ser positivas. Mesmo o assassinato de Kennedy em 1963, e a saída de Krushev da liderança soviética em 1964, não impediram que as esperanças de uma melhora do cenário de fato existissem, com até mesmo o comércio entre os dois países começando a aparecer de forma mais intensa (HOBSBAWM, 1995, p. 240).

“As perspectivas eram boas” (HOBSBAWM, 1995). Por mais que tudo aparentasse estar indo para um caminho de paz, de menor tensão, o cenário sofreu uma reviravolta (embora tal cisão não tenha sido imediatamente notada pelas superpotências). EUA e URSS estavam, em primeira análise, satisfeitos com suas economias. Hobsbawm aponta dois acontecimentos para que o desequilíbrio de forças começasse a ser evidente, e o período de paz começasse a ruir. O primeiro foi a previsível derrota dos norte-americanos no Vietnã. Quando o país lançava suas forças, economias e propriamente o povo para mais uma guerra sem sentido, a população ficou dividida, e a consequente derrota só desmoralizou ainda mais o país. Além disso, os norte-americanos estavam de certa forma sozinhos nesse combate, o que demonstrava todo o isolacionismo que a nação estadunidense vivia. Além dessa guerra já ter mostrado tal isolamento evidente, a guerra de Yom Kipur em 1973 entre Israel e as forças do Egito e Síria somente legitimou ainda mais tal fato, uma vez que nem mesmo os aliados dos Estados Unidos forneceram ajuda para Israel, mostrando que os estadunidenses talvez não fossem tão fortes assim pareciam. Outro ponto interessante a se notar era que do lado soviético, o novo líder, Leonid Brejnev, era visto com um certo otimismo, estimulado pela descoberta de grandes jazidas de

petróleo e gás natural, podendo significar uma nova era de prosperidade e aumento de poder soviético (HOBSBAWM, 1995, p. 241-242).

A *détente* chegava ao fim e uma nova Guerra Fria começava. Mesmo com o Vietnã e a crise do petróleo no Oriente Médio, a balança de poder ainda continuava a mesma para ambas as nações. O que chama a atenção é que as novas ondas de revoluções no chamado Terceiro Mundo poderiam alterar a balança (para o lado soviético, mais precisamente), uma vez que as revoluções acontecendo na África, Ásia e até mesmo na América eram mais atraídas pelos russos. Essa atração permitia que eles se instalassem militarmente para além de suas fronteiras físicas, o que significaria um suposto avanço do comunismo soviético pelo mundo, ameaçando os norte-americanos. Aliado ao otimismo de Brejnev, e seu sentimento de autossatisfação, a Nova Guerra Fria surgia (HOBSBAWM, 1995, p. 242.).

A Nova Guerra Fria se desenhava impactada pelas (reais e potenciais) revoluções do “Terceiro Mundo”, abalando a mente norte-americana e insuflando o otimismo soviético. E foi justamente nesse ponto que a derrocada da URSS começou.

O autor Paulo Fagundes Vizentini, argumenta que a Nova Guerra Fria consistia, esquematicamente, no seguinte: “os Estados Unidos desencadeiam uma corrida armamentista convencional e estratégica [...] que os põem em superioridade estratégica relativamente à URSS e abala a economia soviética” (VIZENTINI, 2006, p. 284).

Os soviéticos pareciam animados, e queriam ir para uma ofensiva, chegando a elevar os gastos da defesa anual de 4% a 5%. De tal modo, a derrocada soviética foi germinada, em um sentido econômico, pela visível vontade de exibição, pautada em uma autoconfiança ilusória, a qual contribuía para que os soviéticos comessem a caminhar para seu fim enquanto nação e superpotência. Além disso, a vontade soviética de se exibir mundialmente significava, para os norte-americanos, um aceno de que a supremacia ocidental poderia estar com os dias contados. Logicamente, essa visão de supremacia estadunidense em risco era muito mais irracional do que racional. Por mais que seu prestígio estivesse baixo (por conta das guerras do Vietnã e do Yom Kipur), o poder norte-americano ainda era muito maior que o poder dos russos, mesmo com o peso econômico do dólar já não sendo tão decisivo assim (HOBSBAWM, 1995, p. 243-244).

Ainda no campo econômico, podemos notar como os soviéticos estavam obsoletos, parados no tempo, detidos por certos limites. Segundo Hobsbawm:

Os soviéticos, rudes e inflexíveis, podiam com esforços titânicos ter construído a melhor economia da década de 1980 em qualquer parte do mundo [...], mas de que adiantava à URSS o fato de que em meados da década de 1980 ela produzia 80% mais aço, duas vezes mais ferro-gusa e cinco vezes mais tratores que os EUA, quando não se adaptara a uma economia que dependia do silício e *software* [...]? (HOBSBAWM, 1995, p. 244).

Os russos ficaram para trás, enquanto o mundo passava por uma guinada conservadora. Em resposta às revoluções do “Terceiro Mundo”, o neoliberalismo adentrava o conjunto. Os soviéticos não acompanharam tal mudança, mantendo uma visão de mundo avessa à modernização e às reformas.

Além disso (e mesmo não havendo qualquer indício de vontade de guerra por parte da nação do Leste Europeu), os norte-americanos mobilizaram, mais uma vez, a retórica do apocalipse e da ameaça “alienígena”. Curiosamente, tal estratégia despertou efeitos contrários, já que foram os russos que começaram a acreditar em uma guerra ou ataque nuclear iminente. A retórica apocalíptica continuava, mesmo que não fosse mais tão efetiva (HOBSBAWM, 1995, p. 244).

3.2 A guinada conservadora e chegada do Neoliberalismo

Nos Estados Unidos, a direita norte-americana começava a ganhar maior destaque novamente. No fim de 1978, conseguiram aumentar o orçamento militar do país, ajudando na derrocada da corrida armamentista. E Ronald Reagan foi eleito presidente, catapultado pela promessa de reascender o sentimento de superioridade norte-americana. Já no lado europeu, a conservadora Margaret Thatcher foi eleita Primeira-Ministra na Inglaterra, reforçando ainda mais o ganho de terreno por parte dos conservadores. Os partidos de Extrema-Direita foram reestabelecendo suas forças, ao passo que partidos Social-Democratas esmoreceram. Juntamente com essa mudança política, o Neoliberalismo veio forçando sua entrada no campo econômico: a vida social passou a ser substituída pelo enaltecimento do indivíduo, ou seja, a coletividade começou a ser trocada pela individualidade extrema (VIZENTINI, 2006, p. 286).

Aqui, poderemos notar outro ponto interessante que pode ser entendido como mais uma das situações que viraram o jogo no fim da década de 1970. O mundo começava a sofrer uma guinada conservadora e neoliberal; o Neoliberalismo carregava em si uma defesa irredutível do anticomunismo em sua essência (ANDERSON, 1995).

A chegada do Neoliberalismo começou a imperar em aliança com a guinada conservadora que vinha acontecendo nos países capitalistas. Conseguimos notar que esse novo sistema surgiu na tentativa de renovação do capitalismo então em crise. Seus principais pensadores foram Friederich Hayek, Milton Friedman e Ludwig Von Mises. Em sua essência, o Neoliberalismo consiste em um capitalismo selvagem e sem regras. No campo prático as ações neoliberais consistem no seguinte: manter um Estado focado na estabilidade monetária, sendo essa praticamente sua única função; contenção massiva com gastos de bem-estar, e restauração de um desemprego endêmico, para a formação de um exército reserva de miseráveis prontos para os trabalhos que lhes forem oferecidos. Também seriam necessários uma redução continental de impostos de alto rendimento e uma desregulamentação massiva como “medicamentos” para a saída da crise (ANDERSON, 1995).

Em relação ao novo protótipo liberal, Eric Hobsbawm (1995) argumenta que, para as novas direitas em ascensão, o chamado “capitalismo assistencialista” “patrocinado pelo Estado das décadas de 1950 a 1960, não mais escorado, desde 1973, pelo sucesso econômico, sempre havia parecido uma subvariedade do socialismo [...] da qual, em sua ótica, a URSS era o lógico produto final” (HOBSBAWM, 1995, p. 245).

Os distúrbios que a sociedade capitalista ocidental enfrentava na década de 1970 seriam estimulados por dois fatores: “a crise seria decorrente dos aumentos salariais e dos gastos sociais do Estado, de modo que a solução seria reduzir o tamanho e as funções do Estado, que deveria concentrar-se sobretudo na estabilidade monetária” (VIZENTINI, 2006, p. 298). De tal modo, a crise seria culpa do Estado e de suas políticas de bem-estar social, tão populares à época.

A primeira nação a aderir tal modelo, pelo menos de forma completa foi a Inglaterra⁴ com Margaret Thatcher no comando. A Inglaterra acabou sendo o país pioneiro, onde suas ações foram até mesmo as mais fiéis ao modelo; além de aplicar todas as ações que compõem a ideologia econômica neoliberal, também foi imposta uma legislação anti-sindical, controle sobre fluxos financeiros também foram abolidos e, mais tarde, uma ampla privatização de indústrias foi feita, atingindo produtos como água, petróleo, eletricidade etc. (ANDERSON, 1995).

Enquanto os soviéticos estavam estagnados com Brejnev, no lado dos norte-americanos Reagan começava uma enorme mudança no país. Com ele, o neoliberalismo também avançou pelas terras do “Tio Sam”. Porém, no caso estadunidense, as coisas foram um pouco diferentes, pois o neoliberalismo no país era concebido muito mais na disputa com a URSS, com elevação de gastos militares (embora também tenha havido redução de impostos em prol dos ricos e elevação das taxas de juros) (ANDERSON, 1995).

O neoliberalismo avançou a passos largos no Ocidente. De imediato, existiu a obtenção dos seguintes “resultados”: a inflação e os impostos caíram drasticamente, o sindicalismo retrocedeu e o desemprego se tornou estrutural. Porém, tais resultados não foram tão positivos como esperado. A reanimação das forças da economia capitalista à sua velha forma da “era de ouro” não aconteceu de fato: a economia passou da produção para a especulação, e mesmo que vários gastos sociais fossem reduzidos, existiam outros que eram tão caros quanto os anteriores, fazendo com que a situação ficasse empatada ou sucateada. Contudo, o neoliberalismo se apossou do Ocidente e sua visão ideológica pairou como uma grande nuvem densa no começo da década de 1980 até o fim da Guerra Fria (VIZENTINI, 2006, p. 298-299).

Retomando a questão de Reagan na presidência, segundo Hobsbawm (1995) sua eleição pode ser vista como uma espécie de tentativa de apagar as manchas que o país carregava desde o Vietnã. A intenção era reviver o sentimento de supremacia do país, fazer com que o país voltasse a ser o campeão do Ocidente. Dentre as ações para tal, logicamente houve gestos militares, como o ataque à ilha

⁴ Vale lembrar que a primeira nação a servir como um “laboratório” neoliberal foi o Chile após o golpe contra Allende (1973) e a gestão dos Chicago Boys (SANTOS, 2018). Colocamos a Inglaterra em um sentido de ser a primeira nação a aderir tal modelo de forma plena.

de Granada em 1983 e a invasão ao Panamá em 1989. Os efeitos do governo Reagan se mostravam muito mais como uma terapia, uma espécie de massagem no ego dos norte-americanos do que propriamente a tentativa de reestabelecer o equilíbrio de forças no país. Além disso, o neoliberalismo, como vimos acima, conseguia aproveitar muito bem as guinadas conservadoras (HOBBSAWM, 1995, p. 244-245).

Ao que parece, a luta da nova direita era contra qualquer tipo de política social ou direito humano; a visão capitalista predatória era praticamente hegemônica, com Reagan não medindo esforços para acabar de vez com o Estado de Bem-estar Social iniciado com F. D. Roosevelt.

No lado soviético, a situação era caótica. O regime de Brejnev parecia ter chegado ao seu limite, e um dinamismo se mostrava necessário. Frente a uma economia próxima do colapso, seu sucessor, Andropov, lançou mão de políticas reformistas, mas que acabaram não tendo tempo hábil para florescer, sendo então retirado do cargo. Em 1985, ascendeu ao poder, então, Mikhail Gorbachev, que lançou duas políticas que viriam a ser famosas na época: a *Glasnost* (transparência) e a *perestroika* (reestruturação), por meio das quais almejava-se a democratização na política interna e a formação de uma economia mercantil descentralizada (e até mesmo associada ao capital estrangeiro em determinadas áreas). Basicamente, a URSS estava tentando correr atrás do terreno perdido com a guinada conservadora. Gorbachev, com essas ações, desejava instaurar uma nova *détente*; contudo, via-se muito mais preso a um sistema que o desfavorecia, enquanto o império soviético desmoronava (VIZENTINI, 2006, p. 300-301).

Tais medidas desencadearam uma mudança na visão internacional sobre os soviéticos. O olhar até então negativo sobre o suposto “império do mal” que os russos teriam edificado se esvaía pouco a pouco. Gorbachev queria transformar essa visão estereotipada que a nação do Leste Europeu carregava a fim de mudar até mesmo o descontentamento interno e a estagnação que o país atravessava. Já no plano econômico, a tentativa de abertura para o mercado capitalista visava a obtenção de recursos para a economia obsoleta dos soviéticos, como visto anteriormente. As reformas de Gorbachev encontraram grande resistência, principalmente interna, o que fez com que a situação para os soviéticos somente piorasse no cenário interno, com uma crise se agravando mais e mais (VIZENTINI, 2006, p. 300-301).

No cenário internacional a situação era diferente. As ofensivas pela paz vindas do líder soviético até que surtiram alguns efeitos. Como foi dito, uma nova *détente* foi instaurada e negociações pelo desarmamento foram feitas. Porém, é interessante mencionar que essas negociações visavam muito mais uma parceria econômica entre soviéticos e estadunidenses, dada a frágil situação da nação russa. Até mesmo as nações do dito “Terceiro Mundo” começaram a perder apoio da URSS, mostrando o recuo do comunismo de modelo soviético e a perda de poder por parte dessa nação, evidenciando, ainda mais, que a Guerra Fria caminhava para seu fim (VIZENTINI, 2006, p. 301-302).

Notamos, assim, como de fato a situação em que os russos se encontravam era de profunda desvantagem em todos os sentidos. A corrida armamentista solapou o país (recordemo-nos que essa foi umas das estratégias norte-americanas para derrotar os soviéticos) e a economia encontrava-se estagnada (a escolha de não renovação das matrizes produtivas apenas piorou um cenário que já era caótico). Com Gorbachev, a situação caminhava para um final, pois mesmo com as tentativas reformistas, todas as resistências que ele encontrou dentro do bloco só serviram para agravar uma situação que já se mostrava incontornável. No cenário externo, ficava mais clara a fragilidade dos russos e, como eles já não eram mais uma ameaça real, os EUA já se viam como os vencedores dessa guerra, se é que podemos dizer que houve um vencedor (HOBBSAWM, 1995; VIZENTINI, 2006).

Neste momento, a Guerra Fria caminhava para seu fim. Os soviéticos estavam extremamente debilitados em todos os campos, enquanto os norte-americanos voltavam a demonstrar suas forças. Porém, ambos os líderes das nações convergiam em um ponto em comum: Reagan e Gorbachev concordavam com a coexistência pacífica e reconheciam como absurda a possibilidade da guerra nuclear. A segunda metade da década de 1980 caracterizou, de fato, a fase final do período conhecido como Guerra Fria. As tentativas de reforma realizadas por Gorbachev encontraram resistências, e a abertura soviética para o mercado internacional só mergulhou o bloco em um caos social sem fim, enquanto os EUA se mostravam estáveis e com um poder imensurável. Dessa forma, em 25 de dezembro de 1991 a URSS foi oficialmente dissolvida. A Guerra Fria chegava ao seu fim, pelo menos oficialmente. O neoliberalismo triunfava, e a dualidade que antes imperava no mundo foi substituída então pela hegemonia dos Estados Unidos da América. A corrida

armamentista sem precedentes, a constante mentalidade apocalíptica, as crises que ambos os modelos enfrentaram, a ascensão de personalidades como Thatcher, Reagan, Gorbachev, entre outros, só afirmam como o século XX foi especial, mesmo que também tenha sido extremamente conturbado (HOBBSAWM, 1995; ANDERSON, 1995).

A Guerra Fria, em síntese, configurou-se como uma disputa entre duas nações/blocos, que travaram embates dos mais diversos tipos e nos mais diversos campos, e, sem sombra de dúvidas, influenciou os mais diversos campos culturais, seja no campo musical, cinematográfico, televisivo, e não menos importante o literário.

Para nosso terceiro capítulo é neste campo literário que vamos concentrar nossas forças, em especial na história em quadrinhos “Batman O Cavaleiro das Trevas”, produzida durante a Guerra Fria e, logicamente, influenciada pelo período. Neste capítulo final analisaremos quais cargas ideológicas essa produção potencialmente carrega, a fim de notar como uma obra simples, como uma história em quadrinhos, também pode ser recheada de significações ideológicas.

4 BATMAN, O CAVALEIRO DAS TREVAS: A HISTÓRIA DO HOMEM-MORCEGO E AS IDEOLOGIAS ENCONTRADAS EM SUAS PÁGINAS

Daremos início ao terceiro e último capítulo desta monografia. Aqui, trataremos de analisar a relação da obra “Batman: O Cavaleiro das Trevas” com as expressões ideológicas que foram citadas ainda no primeiro capítulo (no caso, os conceitos de Fascismo, Nacionalismo e Anticomunismo).

Toda história precisa de um autor e de uma editora que a publica. Nesse caso, o autor da obra é Frank Miller, um dos mais conceituados quadrinistas de todos os tempos. Miller é natural de Vermont, um ruralizado estado norte-americano; aos 18 anos, mudou-se para Nova York, visando trabalhar com sua grande paixão, que eram as histórias policiais *noir*, e não os super-heróis. Mas foi justamente nesse campo, ainda não tão interessante para ele, que o até então aspirante a quadrinista encontrou seus primeiros passos na vida artística. Seu primeiro grande personagem foi o Demolidor, da Marvel. Miller, por ser também apaixonado por quadrinhos japoneses (os mangás), transmitiu certas visões de tais suportes, mais humanas, para os seus personagens (por exemplo: a adição de Elektra nos quadrinhos de Matt Murdock, sendo a personagem uma ninja, com o conflito da condição feminina e a sede incessante por violência). Isso alavancou as vendas da editora Marvel, salvando a mesma da falência, e lançando Frank Miller aos principais lugares nas produções de HQs. Sua “coroação” como um gênio dos quadrinhos aconteceu, de fato, quando ele migrou para a editora rival da Marvel, a DC, e trabalhou com o Batman, fazendo a obra mais aclamada do Homem-Morcego. Seu sucesso foi alavancado por trazer uma visão completamente avessa daquilo que antes era entendido como o Batman, apresentando como sua marca o clima de tensão, quase desesperançoso, o gótico, a atmosfera policial *noir* que ele tanto amava, vindo a ser a principal expressão quando se fala de Frank Miller e suas obras (MARASCIULO, 2019; VERGUEIRO, 2015).

Tratemos, brevemente, da editora que lançou a obra que virá a ser analisada. A DC Comics é uma das principais editoras de quadrinhos de toda a história. Nela, estão consagrados vários personagens, como o próprio Batman, um dos heróis mais populares atualmente (se não o mais popular). Também é a casa de Mulher Maravilha, a primeira e maior super-heroína dos quadrinhos, e do Superman, simplesmente o primeiro super-herói de todos e o maior super-herói de todos os tempos, na cultura ocidental.

A editora foi criada ainda na década de 1930 com o nome *National Allied Publication*. Desde seu início até o fim da década de 1930, a editora passou por reformulações em seu nome. Em 1938, quando ainda se chamava *Action Comics*, a ascensão meteórica do personagem Superman pegou a todos de surpresa. Seu quadrinho levava o selo “DC”, que era uma das divisões que compunham a empresa à época. Assim, a editora começou a ser apelidada com essas iniciais, e até mesmo informalmente passou a adotar tal nome, sendo apenas em 1977 que o nome *DC Comics* se tornou oficial. A editora aparentava ter uma vida tranquila no mercado de quadrinhos até então; mesmo com concorrência da rival Marvel, a DC gozava de relativa tranquilidade. Porém, foi com a obra de Frank Miller que a editora atingiu um nível nunca antes visto de aclamação crítica e até mesmo atenção. A DC e Frank Miller deram as caras mais do que nunca em 1986 (OURIQUES, 2019).

Agora, levantaremos alguns pontos sobre a HQ em si. A obra que analisaremos foi lançada em 1986, tendo como protagonista o personagem Batman, identidade secreta do bilionário Bruce Wayne, o qual aparece como um segundo plano, dando o tom de que trata-se de uma história do Homem-Morcego em si. Passando-se na cidade fictícia de Gotham (uma espécie de mistura de Nova York com Chicago), a obra faz uma mescla de realidade com ficção (MILLER, 1986).

Ainda falando da época de lançamento, é importante lembrar que em 1986 a Guerra Fria caminhava para seu fim, e o Neoliberalismo avançava em larga escala pelos países ocidentais. O mesmo acontece na HQ, sendo que o recorte temporal da obra é contemporâneo à época de lançamento da mesma. Retomando os personagens, ainda há a presença de elementos clássicos do universo Batman, como Jim Gordon, Coringa, Robin, Gangue Mutante, entre outros. Porém, mais interessante ainda é que nessa história outro personagem, ainda mais grandioso que o próprio protagonista, dá as caras: o Superman. O Homem de Aço é, também, um dos personagens que participa da narrativa, sendo uma espécie de protagonista secundário na HQ (MILLER, 2011).

No enredo, os super-heróis já não encontram-se mais em atividade. Alguns estão aposentados, outros mortos. O Batman já não patrulha as ruas de Gotham há dez anos, com alguns civis até mesmo acreditando que ele nunca tenha existido, que não passava de uma lenda. Vemos um Bruce Wayne velho, cansado e que, acima de tudo, demonstra estar indignado com o caminho de decadência que a sociedade (e,

em especial, sua própria cidade) vinha trilhando. Assim, o Homem Morcego volta a atuar, causando enormes catástrofes por sua cidade, levantando debates acerca do vigilantismo e chamando a atenção até mesmo da mais alta cúpula do governo estadunidense (MILLER, 2011).

Assim, após essa breve introdução e contextualização, seguiremos, de fato, para a análise da obra e a busca pelas expressões fascistas, nacionalistas e anticomunistas em “Batman O Cavaleiro das Trevas”.

4.1 O Homem-Morcego como uma força fascista

Durante a leitura da produção nos deparamos com Bruce Wayne revoltado com a decadência da sociedade de Gotham, vendo o que a cidade se tornou depois que parou de patrulhar as ruas como Batman, ele volta à ativa, mais violento, sem misericórdia ou escrúpulos que antes tivera, neste momento ele está a caça de Harvey Dent, o vilão conhecido como Duas-caras, para encontrá-lo, ele interroga um de seus capangas, como demonstra a figura abaixo:

Figura 1: Interrogatório



Fonte: Batman: O Cavaleiro das Trevas, p. 49.

Aqui, podemos notar alguns pontos interessantes que podem demonstrar o Batman como uma espécie de “força fascista”.

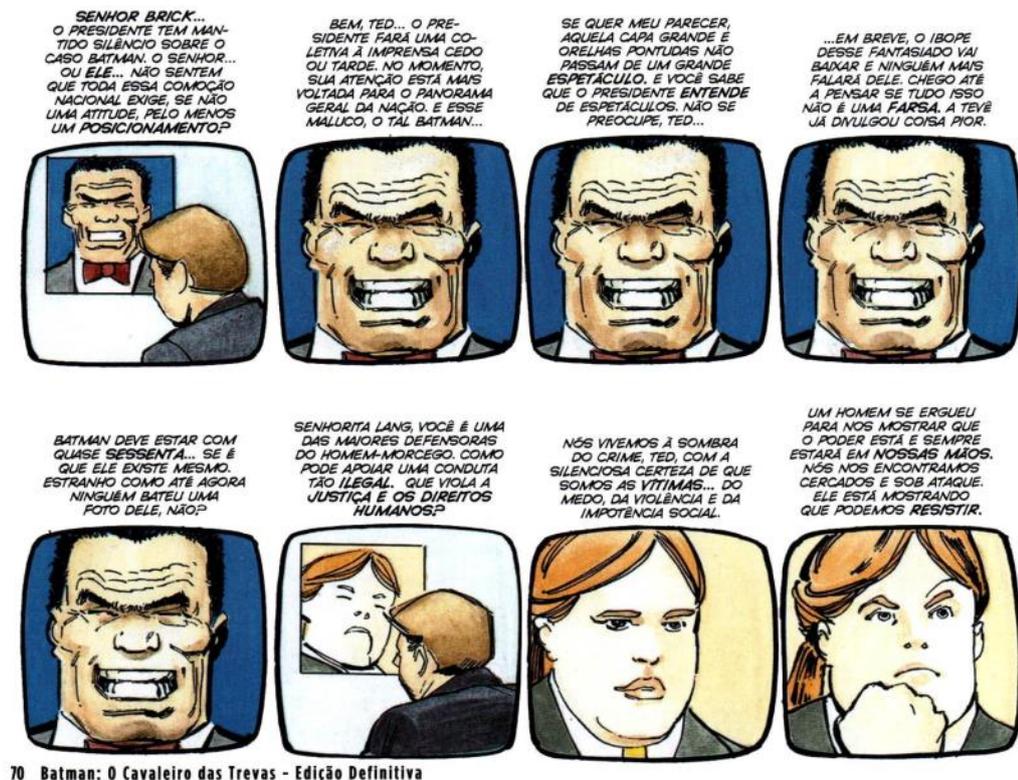
O primeiro ponto é que, ainda como Bruce Wayne em páginas anteriores, o protagonista demonstra um extremo descontentamento com a decadência da sociedade. A raiva, a angústia e o sentimento de impotência que transforma homens bons em homens cruéis começam a tomar conta de Bruce. Essa preocupação em

relação à decadência pode vir a ser entendida como um primeiro sinal de aceno ao fascismo, visto que, segundo Robert Paxton (2008, p. 360), uma das características fascistas é justamente “um senso de crise catastrófica, além do alcance das soluções tradicionais” – algo que Bruce Wayne demonstra claramente.

Falando especificamente da figura acima, este interrogatório nos dá alguns outros pontos interessantes a serem notados: o primeiro seria a extrema violência na condução do interrogatório, além do desdém quanto aos direitos que o interrogado reclama ter. Novamente, tratam-se de características fascistas apontadas por Paxton, em especial “a beleza da violência e a eficácia da vontade”, além do vitimismo que “justifica qualquer ação, sem limites jurídicos ou morais, contra seus inimigos” (PAXTON, 2008, p. 360).

Seguindo adiante na leitura, nos deparamos com a seguinte cena:

Figura 2: Debate jornalístico



Fonte: Batman: O Cavaleiro das Trevas, p. 70.

A imagem em questão nos remete a um debate televisivo acerca do retorno do Batman. O vigilante mascarado havia acabado de impedir um ataque terrorista orquestrado pelo vilão Duas-Caras, além de também ter resgatado uma criança sequestrada. Em ambos os casos, o Homem-Morcego empregou extrema violência, chegando até mesmo a matar alguns dos transgressores (quebrando, inclusive, seu principal código: o de não matar).

O debate jornalístico em questão trata justamente dessas ações extremas e violentas do Batman. Observando a parte final da figura com as falas de Lana Lang, é interessante notar como ela deposita “sua fé” no Batman, como se ele fosse um mito, como se ele fosse alguém que era necessário surgir para disciplinar a sociedade. Em relação a isso, o autor Leandro Konder argumenta:

Mussolini encarava a luta de classes como um aspecto permanente da existência humana, uma realidade trágica insuperável: o que se precisava fazer era discipliná-la, e o único agente possível dessa ação disciplinadora teria de ser uma elite de novo tipo, enérgica e disposta a tudo (KONDER, 2009, p. 32).

O *Duce* argumentava que via como necessário o surgimento de uma nova elite para disciplinar o povo. Dentro de tal perspectiva, o Batman pode vir a ser entendido como tal representante, uma vez que ele vê sua nação (a cidade de Gotham) em constante decadência e abandono; também vê um povo raivoso e indefeso. Diante de tal colapso, o Homem-Morcego ressurgiu como encarnação dessa nova elite, disposta a empregar todos os meios possíveis para disciplinar/punir totalmente a cidade e seus maculadores.

Ainda de acordo com a fala da personagem Lana Lang, é interessante notar como ela é devota ao vigilante, acreditando em suas ações e defendendo-as com unhas e dentes, como se ele fosse um mito redentor. Aqui, podemos notar outro ponto caro à ideologia fascista: a construção do “mito”. Para Paxton, um dos traços fundamentais de tal ideologia diz respeito à “necessidade da autoridade de chefes naturais (sempre do sexo masculino), culminando num comandante nacional, o único capaz de encarnar o destino histórico do grupo” (PAXTON, 2008, p. 360).

O Batman, combatendo impiedosamente o crime e trazendo certa justiça (mesmo que violenta) para Gotham, atrai um público devotado, que chancela as ações do protagonista. O Homem-Morcego passa a ser incensado como herói por conta de suas ações, fazendo com que a população (representada, principalmente, por Lana

Lang) coloque-o no pedestal de “mito”. O mito é algo supremo, que trabalha na paixão das pessoas; é uma fé praticamente inabalável, que não precisa ser necessariamente real, bastando, apenas, que funcione na mente das pessoas. Na Itália de Mussolini foi a nação, a “Itália proletária” explorada pelas outras nações, o grande mito fascista (KONDER, 2009). Já nas páginas dessa produção, o Batman é simbolizado como esse mito, ainda mais evidenciado na entrevista de Lana Lang.

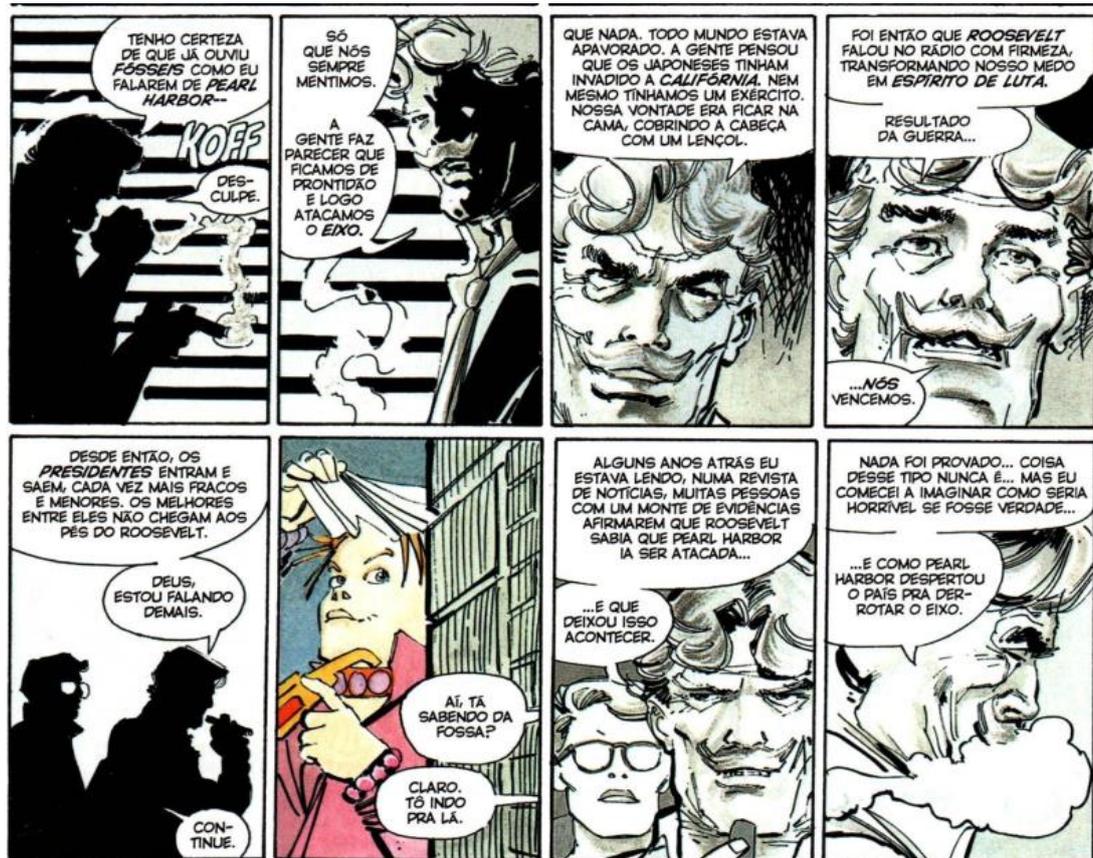
Assim, avaliamos que determinadas características conceituais fazem do Batman, no seu retorno, uma força fascista em essência. O “herói” despreza qualquer direito humano, chegando até mesmo a demonstrar certo “nojo” quando um personagem, interrogado por ele, alega ter tais direitos. Ainda como Bruce Wayne, aparenta, de forma clara e contundente, o seu descontentamento com o caminho de decadência que a sociedade de Gotham estava trilhando (havendo, inclusive, manifestações segundo os quais “antigamente era melhor”, em clara postura reacionária).

Além disso, parte da imprensa consagra-o como um grande salvador, reforçando mais uma característica fascista: o mito. A figura do Homem-Morcego é colocada como esse símbolo redentor para a cidade, arauto de uma nova elite que disciplinará os demais. Vemos, dessa forma, como o Batman (agora mais velho e com muito menos escrúpulos que antes) é representado como essa força fascista que busca o domínio da justiça na cidade de Gotham, despertando afetos na população e potencializando ainda mais a característica “mitológica” do Homem-Morcego.

4.2 O nacionalismo nas páginas de Batman

Outro conceito que surge durante a leitura da HQ é o do nacionalismo. Mesmo de forma muito mais velada, é possível notar uma tentativa de invocar um certo nacionalismo nas páginas da obra. Observemos a figura a seguir:

Figura 3: Desabafo de Jim Gordon



Fonte: Batman: O Cavaleiro das Trevas, p. 100.

Nesse momento da história, a Gangue Mutante e seu líder foram presos. O então prefeito da cidade tenta selar um acordo com o chefe dos marginais para que os ataques cessassem; porém, logo na primeira negociação, o líder da Gangue Mutante assassina o prefeito. Jim Gordon, infelizmente, não consegue chegar a tempo para salvar a vítima. Além disso, o próprio Jim se vê entregando o cargo de comissário da Polícia de Gotham para Ellen Yindel, personagem com que ele tem o diálogo entabulado acima.

O diálogo é deveras interessante por mostrar como Jim dá sinais de um certo nacionalismo “nostálgico”. Ele argumenta que todos estavam apavorados após o ataque de Pearl Harbor (1941), mas o discurso do presidente Roosevelt encorajou o povo em um espírito de luta para que vencessem a guerra. Gordon ainda completa o desabafo alegando que cada presidente que assumiu o cargo pós-Roosevelt era mais fraco, um após o outro – o que demonstraria um certo descontentamento político por parte do personagem. Quanto às questões formuladas por Jim Gordon, Hobsbawm discorre:

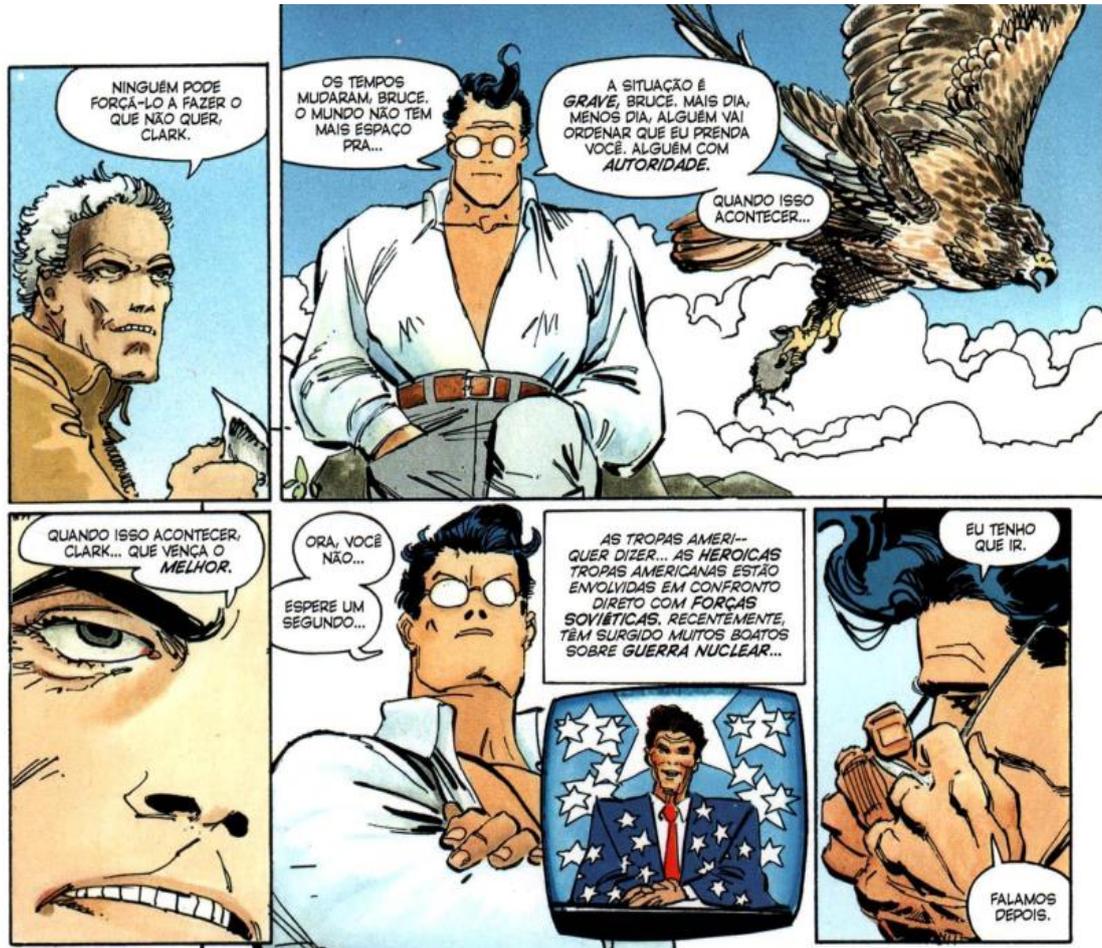
O fundamentalismo é encarado como algo que "reage sempre, de forma reacionária". "Alguma força, tendência, ou inimigo precisa ser sempre percebido como colocando em perigo, potencial ou realmente, o movimento de alguém ou daquilo que lhe é caro." Os "fundamentos" enfatizados pelo fundamentalismo "emergem sempre de algum estágio primitivo, puro e, mais antigo na história de cada um" (HOBSBAWM, 1991, p. 199-200).

Partindo da argumentação de Hobsbawm, a força a ser detida neste contexto seria a Gangue Mutante. Jim desabafa após o assassinato do prefeito, alegando que antes eles eram mais fortes, dizendo nas entrelinhas que o prefeito era fraco, diferentemente de antigamente, quando Roosevelt os encorajou. Jim Gordon demonstra, assim, um nacionalismo de cunho muito acentuadamente virulento, afirmando que "antigamente era melhor" (mesmo que não empregue essas palavras). De tal modo, é possível destacar, a partir da imagem, a íntima relação entre "nacionalismo" e "memória":

É vasta a associação teórica que se faz entre a memória e as construções do imaginário nacional. Eric Hobsbawm afirma inclusive que "[...] para os propósitos da análise, o nacionalismo vem antes das nações. As nações não formam os Estados e os nacionalismos, mas sim o oposto" (HOBSBAWM, 1990, p. 19). O exercício oficial de se apropriar da memória tornando-a "memória coletiva" gera uma "identidade nacional" construída de cima para baixo pelos aparatos nacionais, antes de existente per se (MULLER, 2004, p. 3). É dessa amálgama discursiva entre o individual e o coletivo, entre a memória coletiva e o discurso nacionalista que avança (se constrói e se significa) a ideia de nação. Este não é um processo racional ou lógico (HOBSBAWM, 1990, p. 17). As formas pelas quais o indivíduo se subordina à memória coletiva variam desde a criação de tradições (HOBSBAWM e RANGER, 1997, p. 10), até a construção de rebuscados sentimentos de diferenciações entre populações calcados, por exemplo, no ódio, na revanche ou na rivalidade (HORTA, 2015, p. 163).

Seguindo a leitura da HQ, podemos destacar a seguinte cena:

Figura 4: Conversa entre Wayne e Kent



Fonte: Batman: O Cavaleiro das Trevas, p. 123.

Nesta cena, observamos uma interação entre Bruce Wayne e Clark Kent. Kent (que também é o Superman). Em seu debate com Wayne, Clark argumenta que o Batman tem causado problemas e atraído a atenção indesejada do governo. Clark faz uma ameaça velada, demandando que Bruce pare – caso contrário, alguém (no caso, o Superman) irá pará-lo. Porém, o diálogo é interrompido quando a presença do Superman é requisitada em um conflito. Em seguida, um âncora de jornal apresenta a notícia de um conflito entre estadunidenses e soviéticos.

No caso do âncora, é curioso notar que o personagem veste um terno que se assemelha de forma bem clara à bandeira estadunidense. Além disso, ao se referir aos soldados, ele utiliza o termo “heroicas tropas americanas”, sendo curioso observar como o jornal tenta legitimar essa visão “heroica” das tropas e insuflar certo orgulho com relação à bandeira norte-americana.

O jornal parece estar, de certa forma, alinhado em um compromisso com certo programa nacional, mesmo que de forma vacilante (HOBSBAWM, 1991), aparentando ser uma tentativa de levantar a moral norte-americana, situando os Estados Unidos como berço de heróis. As relações entre nacionalismo, propaganda e meios de comunicação de massa também foram discutidas por Hobsbawm nos seguintes termos:

Mas a propaganda deliberada quase certamente era menos significativa do que a habilidade de a comunicação de massa transformar o que, de fato, eram símbolos nacionais em parte da vida de qualquer indivíduo e, a partir daí, romper as divisões entre as esferas privada e local, nas quais a maioria dos cidadãos normalmente vivia, para as esferas pública e nacional (HOBSBAWM, 1991, p. 170).

Além disso, também é interessante pontuarmos que as mencionadas operações das tropas estadunidenses aludiam a uma disputa contra os soviéticos pelo controle da fictícia ilha de Corto Maltese. Referindo-se ao tema, o âncora do jornal explana:

Figura 5: âncora de jornal



Fonte: Batman: O Cavaleiro das Trevas, p. 123.

O âncora adota um certo discurso de dissuasão, uma postura defensiva (não estão “partindo para cima”, mas também “não vão recuar”). Além disso, afirma que o povo nativo da ilha quer a presença norte-americana em seu território. Corto

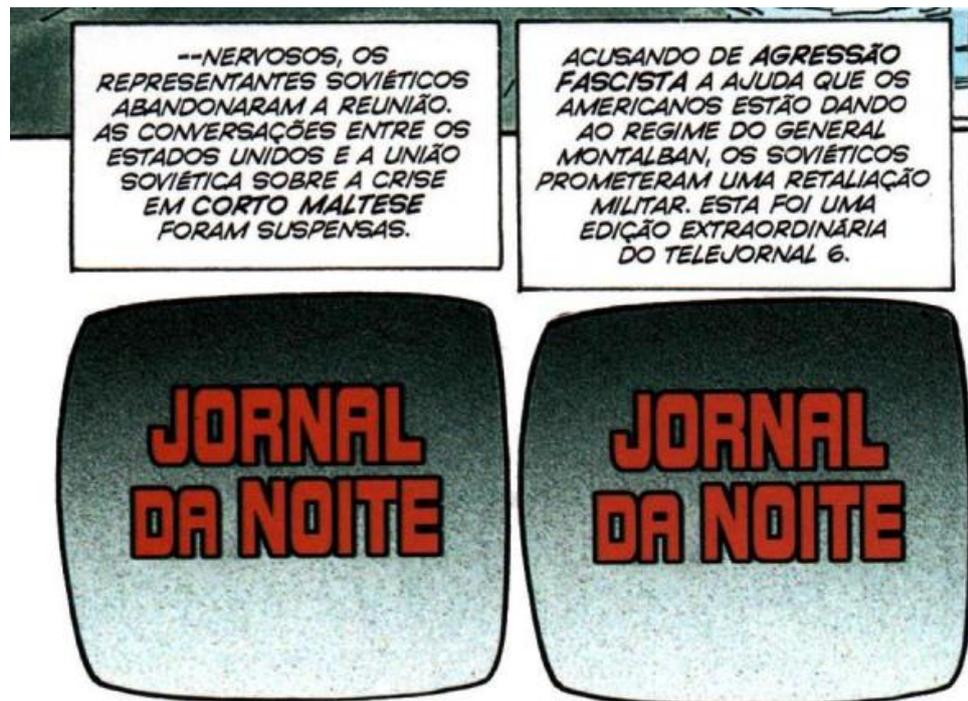
Maltese, aqui, sofre uma influência que grande parte dos pequenos Estados que buscaram sua independência durante o século XX sofreram. A interferência em pequenas nações recém-independentes foi algo muito característico durante o século XX. Segundo Hobsbawn, “a intervenção de poderes externos tem sido evidentemente não nacionalista, tanto em sua motivação como em seus efeitos” (HOBSBAWM, 1991, p. 204-205). Corto Maltese sofria interferências não por benevolência ou interesses endógenos, mas por conta dos interesses particulares dos norte-americanos.

Dessa forma, avaliamos (mesmo que de forma velada e até mesmo negativa) a presença do nacionalismo nas páginas do Homem-Morcego. Muito mais voltado para as ações do Estado norte-americano, o nacionalismo presente na obra se alia ao intervencionismo (simbolizado pelo âncora) e também a visões nostálgicas (simbolizadas pelo personagem Jim Gordon, com seu discurso sobre os presidentes pretéritos).

4.3 O anticomunismo nas páginas do Cavaleiro das Trevas

Partindo para a última expressão ideológica que buscamos nesta obra, encontramos o anticomunismo. Nesse caso, o anticomunismo também é apresentado de forma velada, mais focada nos jornais, os quais falavam sobre os soviéticos por meio de uma linguagem incógnita, tentando representar os inimigos como aqueles que estavam em ofensiva, enquanto os norte-americanos continuavam com sua postura defensiva (vide item 3.2, por exemplo). Observemos a figura a seguir:

Figura 6: Apresentação do Jornal da Noite



Fonte: Batman: O Cavaleiro das Trevas, p. 117.

Na cena em questão, observamos a tela de um jornal televisivo, demonstrando que os EUA e a URSS encerraram suas conversas sobre a crise na ilha de Corto Maltese. Interessante notarmos que a primeira menção sobre uma retaliação bélica parte justamente dos soviéticos, e não dos estadunidenses, como se os norte-americanos resguardassem uma posição defensiva frente ao “perigo vermelho”. Os EUA, claramente, se portariam como lideranças de uma frente anticomunista, obtendo a ajuda do Superman. Demonstra-se, também, como o anticomunismo era uma luta recorrente na sociedade contemporânea de Guerra Fria (MOTTA, 2000).

O anticomunismo apresentado no trecho dialoga, por sinal, com a matriz nacionalista, segundo a qual a nação, o povo, o território e o Estado conformariam uma aura de “objeto sagrado. Nesse sentido, os comunistas seriam elementos ‘deletérios’, pois instigavam a divisão e a própria destruição do ‘corpo’ nacional, à medida que insuflavam o ódio entre as classes” (MOTTA, 2000, p. 30).

Seguindo com a leitura da HQ, deparemos-nos com a seguinte cena de mais um programa jornalísticos:

Figura 7: Declaração do presidente dos Estados Unidos



Fonte: Batman: O Cavaleiro das Trevas, p. 167.

Na cena, enquanto o jornal debatia sobre o que fazer com os integrantes da Gangue Mutante, foi necessária uma interrupção para um pronunciamento do presidente norte-americano. Em sua fala, o governante conta que os soviéticos são maus perdedores, levantando a hipótese de que os vermelhos lançariam um ataque nuclear contra os estadunidenses (daí a voo repentino do Superman, ainda com seu disfarce civil).

Tal cena é minimamente curiosa, visto que os EUA tomaram para si a função de se colocarem como os bastiões da liberdade, aqueles que deveriam defender o mundo contra a ofensiva do Leste Europeu, como argumenta Rodrigo Patto de Sá Motta:

[...] os Estados Unidos se propuseram a desempenhar o papel de principal fortaleza anticomunista, ocupando posição de coordenação na guerra contra o “perigo vermelho”, postura que derivava tanto de compromissos ideológicos quanto de interesses geoestratégicos e econômicos (MOTTA, 2000, p. 6).

Notamos, na obra, como os EUA se portam como essa fortaleza anticomunista, em um sentido propriamente militar (nem tanto econômico ou logístico), apresentando-se como bastiões da liberdade. Extrapolando seus contornos implícitos, o anticomunismo em “Cavaleiro das Trevas” torna-se visível em meio à disputa militar em Corto Maltese contra os soviéticos; em tal arco, os estadunidenses aparecem em cena portando-se defensivamente, em claro antagonismo aos “vermelhos”, representados como ofensivos, os grandes vilões que estão sempre no

ataque. Isso pode até mesmo vir a ser uma tentativa de manipulação, algo tão comum visto no anticomunismo: por mais que houvesse em alguns casos um genuíno temor do comunismo, era muito mais comum a manipulação por parte de alguns, visando criar essa relação entre realidade e ficção (MOTTA, 2000).

Entendemos assim, como o anticomunismo (ainda que veladamente) é proposto nessa HQ. Caracterizando os soviéticos como genuinamente ofensivos, e os norte-americanos em defensiva, trabalhando a mentalidade de modo a situar os EUA como os defensores da liberdade contra a ofensiva comunista, demonstrando-se, assim, como o anticomunismo aparece em facetas vitimistas em “O Cavaleiro das Trevas”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos, assim, que a obra “Batman: O Cavaleiro das Trevas” é, de fato, carregada de aspectos ideológicos decifráveis. Mesmo uma produção considerada “ingênua” como uma história em quadrinhos pode ser, sim, carregada de discursos, representações, símbolos e manifestações ideológicas precisas.

A ideologia faz parte de nosso dia a dia. Ainda mais em cotidianos regidos pelo capital, não conseguimos perceber a presença constante das ideologias em nossas vidas, embora sejamos diariamente bombardeados por tais manifestações, por meio de aparelhos e estratégias multifacetados.

No caso da presente monografia, esperamos ter esclarecido como determinados eixos ideológicos podem se manifestar também nas histórias em quadrinhos (mesmo que tais produções visem o público infanto-juvenil). O “Cavaleiro das Trevas” expôs o fascismo nas mãos do Batman, além de velados nacionalismos e anticomunismos manifestados por personagens secundários, mas ainda assim presentes e identificáveis. Em suma, as ideologias veiculadas nas HQ’s objetivam disseminar um pensamento ou visão de mundo.

Para o futuro, manifestamos a intenção de ainda analisar mais profundamente a obra de Frank Miller, almejando identificar outros conceitos (como o neoliberalismo, por exemplo). Tal obra ainda é muito vasta e é mais do que possível continuar pesquisando sobre os produtos de Miller em um futuro projeto de Mestrado. Da mesma forma, o campo de análise de aspectos ideológicos dentro das histórias em quadrinhos guarda grande potencial de pesquisa, dada a enormidade de histórias e personagens existentes nesse universo, bem como os mais variados períodos históricos que também podem vir a ser escolhidos como balizas temporais.

As histórias em quadrinhos demonstram ser mais um campo de pesquisa digno de atenção, vasto e rico. As HQ’s são, também, produções que dialogam com nosso mundo e refletem visões, demandas e horizontes em suas páginas. Dessa forma, como vimos nessa monografia, as ideologias estão muito mais próximas de nós do que imaginamos, e têm um efeito muito maior do que acreditamos que elas possam ter.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir; GENTILI, Pablo (org.). **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 9-23.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2008.

EAGLETON, Terry. **Ideologia: uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 1991.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio Século XXI Escolar: o minidicionário da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

HOBBSAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HORTA, Luiz Fernando. Memórias de guerra: a narrativa da destruição como construtora da identidade europeia. **Carta Internacional**, [s.l.], v. 10, n. 1, p. 160-176, jan.-jun., 2015. DOI: <https://doi.org/10.21530/ci.v10n1.2015.205>. Disponível em: <https://cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/download/205/124/899>. Acesso em: 02 nov. 2022.

KONDER, Leandro. **Introdução ao fascismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MARASCIULO, Marília. Frank Miller: conheça as principais obras do quadrinista. **Revista Galileu**, 06 jan. 2019. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2019/01/frank-miller-conheca-principais-obras-do-quadrinista.html>. Acesso em: 04 nov. 2022.

MILLER, Frank. **Batman, o Cavaleiro das Trevas**. Edição definitiva. 2. ed. Barueri/SP: Panini Books, 2011.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. 2000. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001104535>. Acesso em: 04 nov. 2022.

OURIQUES, João Pedro. **A história da DC Comics**. 2019. Disponível em: <https://www.minhavidageek.com.br/a-historia-da-dc-comics/>. Acesso em: 04 nov. 2022.

PAXTON, Robert O. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

SANTOS, Rafael Macedo da Rocha. O neoliberalismo chileno (1973-1990) e seus desafios à integração sul-americana dos anos 1980. **Cadernos do Tempo Presente**, São Cristóvão-SE, v. 09, n. 01, p. 82-91, jan./jun. 2018. Disponível

em: <https://seer.ufs.br/index.php/tempo/article/view/10472/8076>. Acesso em: 04 nov. 2022.

TIKKANEN, Amy. **Fort Knox**. 2022. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Kentucky>. Acesso em: 10 dez. 2022.

VERGUEIRO, Waldomiro. **A trajetória de Frank Miller**. 2015. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/batman/a-trajetoria-de-frank-miller>. Acesso em: 04 nov. 2022.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. **História Mundial Contemporânea (1776-1991)**. Brasília: FUNAG, 2006.

WOOD, Ellen Meiksins. **Democracia contra o Capitalismo: a renovação do materialismo histórico**. São Paulo: Boitempo, 2007.